

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Maria Eduarda Bomtorin Gomes de Jesus

Comunicação em alta velocidade: a construção narrativa e discursiva da série
Drive to Survive

São Paulo
2025

Maria Eduarda Bomtorin Gomes de Jesus

Comunicação em alta velocidade: a construção narrativa e discursiva da série
Drive to Survive

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção do título de bacharel em
Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo.

Orientador: Carlos Augusto Alfeld Rodrigues

Aprovado em: __/__/__.

Banca Examinadora

À Ayrton Senna, por mostrar ao Brasil a
importância da Fórmula 1.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer à minha família, por tornar esses anos mais leves e cheios de amor. Agradeço ao meu pai, que me transmitiu a paixão pela Fórmula 1 e me inspirou a transformar esse sentimento em tema do meu TCC. À minha irmã Fernanda, agradeço por compartilhar comigo as aventuras desse esporte e por sempre me ajudar com sua inteligência e companheirismo. À minha irmã Bia, agradeço por estar ao meu lado em todos os momentos, oferecendo conselhos e apoio quando mais precisei. Ao meu namorado, Diego, obrigada por ser meu alicerce, por me levantar quando eu caía e por sempre cuidar de mim com tanto carinho.

Por fim, mas com todo o meu coração, agradeço à minha mãe, essa mulher incrível que me ensinou tanto. Sua força me mostrou que eu também sou capaz de ser forte. Obrigada por acreditar em mim, por me apoiar em cada escolha e por reacender em mim a beleza da vida quando tudo parecia difícil. Obrigada por cada oração, por cada vela acesa pedindo proteção ao meu anjo da guarda. Você é, e sempre será, a minha maior inspiração. Espero ser, um dia, ao menos um terço da mulher maravilhosa que você é.

E, por último, uma homenagem especial ao Paroo, meu eterno carrapato! Hoje realizo o nosso sonho de entregar este TCC. Obrigada por ter feito da PUC um lugar mais leve e divertido. Sei que, onde quer que esteja, está torcendo por mim.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo central analisar a construção narrativa da série documental *Drive to Survive*, produzida pela Netflix, buscando compreender como a linguagem audiovisual contribuiu para aproximar a Fórmula 1 de novos públicos. A pesquisa parte da questão sobre de que maneira a estrutura narrativa e os elementos discursivos da série transformam a percepção pública da Fórmula 1, tornando-a mais emocional, acessível e atraente, principalmente para o público jovem. O estudo adota uma abordagem analítica de doze episódios selecionados, observando as oposições semânticas, os recursos audiovisuais e as estratégias narrativas utilizadas para criar envolvimento emocional e aproximar o espectador dos personagens. Com base em autores como Henry Jenkins, Bill Nichols, Edgar Morin, Érica Salazar, Cristina Brandão e Carlos Scolari, o trabalho compreende a série dentro de uma lógica de convergência midiática, hibridismo narrativo e consumo afetivo. As análises demonstram que *Drive to Survive* transforma o universo técnico e competitivo da Fórmula 1 em uma narrativa de superações humanas. Por meio do uso de planos e movimentos de câmera e trilhas sonoras, a série cria uma atmosfera de drama e identificação que ultrapassa o simples registro esportivo. Pilotos e chefes de equipe são retratados como personagens com medos, ambições e fragilidades, o que gera empatia e pertencimento. Conclui-se que a força da produção está em sua capacidade de humanizar o esporte, aproximar o público das histórias individuais e transformar a Fórmula 1 em uma experiência emocional. Assim, o audiovisual se consolida como uma linguagem estratégica para repensar o modo como o esporte é percebido pelo público.

Palavras-chave: audiovisual; narrativa; Fórmula 1; humanização; cultura midiática.

ABSTRACT

This paper analyzes the narrative and discursive construction of the documentary series *Drive to Survive*, produced by Netflix, seeking to understand how audiovisual language has contributed to bringing Formula 1 closer to new audiences and reconfiguring its image as a cultural and media product. The research is guided by the question of how the narrative structure and discursive elements of the series transform public perception of Formula 1, making it more emotional, accessible, and appealing, especially to younger audiences.

The study adopts a qualitative approach and analyzes twelve selected episodes, observing semantic oppositions, audiovisual resources, and narrative strategies used to create emotional engagement and bring viewers closer to the characters. Drawing on authors such as Henry Jenkins, Bill Nichols, Edgar Morin, Érica Salazar, Cristina Brandão, and Carlos Scolari, the work situates the series within a framework of media convergence, narrative hybridity, and affective consumption.

The analyses show that *Drive to Survive* transforms the technical and competitive universe of Formula 1 into a narrative of emotions, conflicts, and human resilience. Through the use of close-ups, slow motion, intense soundtracks, and dynamic editing, the series creates an atmosphere of drama and identification that goes beyond simple sports documentation. Drivers and team principals are portrayed not only as professionals but as characters with fears, ambitions, and vulnerabilities, generating empathy and a sense of belonging.

The study concludes that the strength of the production lies in its ability to humanize the sport, bring audiences closer to individual stories, and turn Formula 1 into an emotional experience.

Keywords: audiovisual; narrative; Formula 1; humanization; media culture.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. TEMA DESENVOLVIDO NA MONOGRAFIA.....	11
1.2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
1.3. OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DA SÉRIE NO CENÁRIO ATUAL	16
2. METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	18
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
4. ANÁLISE DA SÉRIE <i>DRIVE TO SURVIVE</i>	25
4.1. ANÁLISE TEMPORADA 1, EPISÓDIO 4: "A ARTE DA GUERRA"	26
4.2. ANÁLISE TEMPORADA 1, EPISÓDIO 8 "A NOVA GERAÇÃO"	29
4.3. ANÁLISE TEMPORADA 2, EPISÓDIO 4 "DIAS DIFÍCEIS".....	32
4.4. ANÁLISE TEMPORADA 2, EPISÓDIO 10 "BANDEIRA QUADRICULADA"	37
4.6. ANÁLISE TEMPORADA 3, EPISÓDIO 9 "UM GRAVE ACIDENTE".....	47
4.7. ANÁLISE TEMPORADA 4, EPISÓDIO 9 "PRONTOS PARA A BRIGA"	52
4.8. ANÁLISE TEMPORADA 4, EPISÓDIO 10 "CORRIDA DIFÍCIL"	58
4.9. ANÁLISE TEMPORADA 5, EPISÓDIO 3 "CHEFE DE EQUIPE"	63
4.10. ANÁLISE TEMPORADA 6, EPISÓDIO 2 "SOB PRESSÃO".....	69
4.11. ANÁLISE TEMPORADA 7, EPISÓDIO 5 "A MALDIÇÃO DE LECLERC"	75
4.12. ANÁLISE TEMPORADA 7, EPISÓDIO 10 "FIM DE CAMPEONATO".....	80
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
6. REFERÊNCIAS.....	86

1. Introdução

De acordo com a reportagem no site Exame (2023) mostra a Fórmula 1 como o principal esporte do mundo dentro do universo do automobilismo. O campeonato consiste em *Grand Prix* em torno do mundo, sendo 24 na temporada de 2025, embora esse número possa mudar a cada ano. Participam 20 pilotos e 10 equipes, com 2 atletas em cada. As *scuderias*, que são as equipes dentro do esporte, respondem às normas de regulamentação impostas pela FIA (Federação Internacional do Automobilismo), que podem ser refeitas para algumas temporadas, como, por exemplo, em 2026, quando serão alterados certos pontos como motor e escapamento dos carros. As equipes constroem seu próprio veículo conforme essas regras, mas, mesmo tendo que seguir as mesmas cláusulas, as *scuderias* se sobressaem de jeitos diferentes. A Fórmula 1 foi criada em 1950, com o seu primeiro *Grand Prix* realizado no circuito de Silverstone, a F1 evoluiu de corridas que já ocorriam na Europa nas primeiras décadas do século XX. O campeonato tem se desenvolvido em diversos sentidos, principalmente, no aspecto de inclusão e em termos técnicos e regulatórios (GLOBO ESPORTE, 2020). Esse caráter híbrido entre entretenimento e esporte ganhou força a partir de 2017, quando a Liberty Media adquiriu os direitos da categoria. Com uma visão procurando à transformação digital e o engajamento de novas audiências, especialmente, o público jovem, a empresa reformulou a maneira como a Fórmula 1 se apresenta ao mundo. A cada ano, são investidos aproximadamente US\$ 1,5 bilhão em marketing, sendo um dos maiores investimentos no mundo esportivo. Nesse contexto, a frase de Sir Frank Williams, fundador da equipe Williams “Durante seis dias e meio da semana, a Fórmula 1 é um negócio, somente nas tardes de domingo que ela se transforma em um esporte” (WILLIAMS apud HAMILTON, 2020, p. 45) ajuda a entender o papel de *Drive to Survive*. A série transforma o que, por décadas, foi percebido principalmente como um “negócio” em uma narrativa mais próxima ao público.

Drive to Survive, objeto de análise dessa pesquisa, apresenta os bastidores do esporte, revelando as relações de pilotos, chefes de equipe, engenheiros e patrocinadores. A série se afasta da cobertura tradicional de documentário para adotar uma linguagem cinematográfica, utilizando recursos como *storytelling*. Ao apresentar os pilotos como sujeitos que erram, sentem medo, choram e comemoram, a série rompe com a ideia do herói inatingível e introduz uma representação mais humana. É por meio da estrutura narrativa que traz o lado íntimo do piloto que *Drive to Survive* transforma cada episódio em uma experiência sensível. A série oferece informação sobre o universo da Fórmula 1 e constrói uma relação de afeto e identificação com

Episódios

os personagens. Assim tem um efeito direto sobre a maneira como o público se envolve e percebe o esporte. Dados da Nielsen Sports (2022) mostram que, após o lançamento da primeira temporada, houve um aumento na audiência da Fórmula 1 entre o público jovem, principalmente na faixa etária entre 16 e 35 anos. Assim, revela como novos formatos de conteúdo mais dinâmicos têm o poder de transformar a relação desse público com o esporte.

A Netflix, principal plataforma de *streaming* responsável pela transmissão da série, foi utilizada como uma estratégia de distribuição global, ela está presente em mais de 190 países e, assim, permite que o conteúdo alcance diferentes culturas. Essa capacidade de se comunicar com diversos públicos é importante para o projeto de expansão da Fórmula 1, como afirmou Chase Carey, CEO da Fórmula 1 em 2019, "Queríamos mostrar ao mundo que a Fórmula 1 vai muito além de carros em alta velocidade. Ela é feita de pessoas, paixões, desafios e histórias reais. Essa era a missão com *Drive to Survive*" (EXAME, 2024). Ao invés de reforçar a distância entre o piloto e o público, a série constrói um laço emocional entre eles, aproximando o espectador do universo pessoal dos personagens. A série segue uma linha temporal dos acontecimentos do esporte, cada episódio apresenta uma história única com começo, meio e fim, centrada em um conflito humano retratado através dos nossos antagonistas, os pilotos e chefes de equipe. Assim, cada capítulo conta uma história, sem seguir uma ordem cronológica.

Neste ponto, a proposta central da série *Drive to Survive* é concretizada por meio da produção de uma narrativa audiovisual que atualiza a imagem da Fórmula 1 diante do público. O objetivo dessa monografia é analisar os mecanismos narrativos da série e examinar como seus componentes contribuem para a construção do esporte em uma experiência midiática que atraia o público jovem.

1.1. Tema desenvolvido na monografia

A série *Drive to Survive* serve como um exemplo de como a narrativa pode transformar a maneira como vivemos a experiência esportiva. A força da série está na capacidade de humanizar pilotos que normalmente seriam apresentados como números - já que eles competem pelos pontos que ganham no campeonato - começam a ser mostrados como pessoas reais; essa abordagem é importante para o envolvimento do público, principalmente de uma geração acostumada com narrativas afetivas e experiências emocionais. Nesse sentido, *Drive to Survive* oferece um produto audiovisual alinhado à lógica do *streaming*, que se encaixa no modo como o público consome conteúdo hoje. Ela quebra o estereótipo do “piloto inalcançável” e permite que o público veja, por trás do capacete, alguém que poderia ser ele mesmo.

Considerando a situação atual do esporte a cada vez mais realizar ações para trazer o público jovem para perto, esta monografia se fundamenta na premissa de que *Drive to Survive* atua como uma ficção seriada, no sentido de organizar fatos reais em uma narrativa que segue uma estrutura dramática. A análise da série, considerando sua estética, linguagem e opções narrativas, permite entender como os recursos audiovisuais são utilizados para dar um novo sentido a um esporte e apresentá-lo com os princípios do público desejado. A proposta central dessa monografia é mostrar como essa abordagem narrativa ajuda a aproximar a Fórmula 1 de um novo público e a despertar o interesse de quem, antes, não acompanhava o esporte.

Antes de apresentar as análises, precisamos contextualizar que nas últimas duas décadas, o consumo de conteúdo audiovisual passou por transformações profundas, impulsionadas principalmente pela disseminação das plataformas de *streaming*. Esse fenômeno instaurou novas lógicas de consumo, trazendo uma maior interação e construção de identidade cultural. Entre todos os grupos etários, os jovens se inserem como protagonistas nesse processo, tanto pela familiaridade com a tecnologia quanto pela disposição em explorar diferentes linguagens midiáticas. Segundo Jenkins (2009), as mídias digitais inauguraram uma cultura da convergência, na qual os consumidores tornam-se também participantes ativos na circulação e ressignificação de conteúdos. Nessa perspectiva, o público jovem destaca-se como agente central na transformação das práticas de consumo e nas novas dinâmicas da cultura audiovisual contemporânea (CAVALCANTI, 2021).

Para o público jovem, o *streaming* tornou-se sinônimo de lazer, socialização e, em certa medida, de formação identitária. Se trata de construir um repertório compartilhado com outras pessoas. Conversas sobre lançamentos, memes derivados de cenas e debates sobre personagens são parte da vida cotidiana de adolescentes e jovens adultos. Um dado relevante aparece na pesquisa realizada pela Nielsen Sports em parceria com a Toluna, o estudo mostrou que 76,8% dos jovens entre 16 e 23 anos utilizam plataformas de *streaming* como Netflix, Globoplay e Amazon Prime (SEGS, 2020). Já entre pessoas de 24 a 35 anos, a taxa sobe para 77,2%. Esses números indicam que o consumo é majoritário e cotidiano, sendo parte consolidada da rotina.

Ao contrário do modelo televisivo fixo, que exigia a presença diante da tela em horários determinados, o *streaming* acompanha o ritmo da vida. Os jovens assistem conteúdos em casa, no transporte público, nos intervalos da escola ou da universidade, em qualquer lugar em que a conexão permita. Essa característica reforça a ideia de que o *streaming* é uma linguagem adaptada ao tempo dos jovens, caracterizado pela flexibilidade e pelo imediatismo.

Uma pesquisa do Instituto Nexus de Pesquisa e Inteligência de Dados, divulgada em 2025, revelou que 72% dos brasileiros das classes A, B e C consomem algum tipo de *streaming* de vídeo (UOL, 2025). O dado demonstra que, mesmo diante da multiplicidade de plataformas e do custo agregado das assinaturas, o *streaming* consolidou-se como prática cultural dominante. Outro levantamento, conduzido pelo portal E-commerce Brasil em 2024, mostrou que 49% dos brasileiros consomem entre duas e quatro horas de *streaming* por dia, enquanto 6% ultrapassam seis horas diárias (E-COMMERCE BRASIL, 2024). Entre os jovens, essas taxas tendem a ser ainda mais intensas, em razão do tempo dedicado ao lazer digital e da fluidez na alternância entre dispositivos.

É importante destacar que, além dos serviços tradicionais como Netflix, Globoplay e Prime Video, há também a ascensão de conteúdos curtos em plataformas como YouTube, TikTok e Instagram. Segundo reportagem da Agência France-Presse, publicada pelo UOL Notícias, vídeos curtos já são a principal fonte de informação para jovens entre 18 e 24 anos (UOL, 2024). Isso demonstra que a lógica do *streaming* se expande para o microconsumo audiovisual cotidiano. Essa expansão pode ser entendida a partir das reflexões de Rodrigues (2024) sobre as interações discursivas em vídeos curtos. O autor observa que esse formato instaura novos modos de produção e recepção de sentido, sustentados por uma lógica de aceleração e imediatismo característicos da cultura digital. Os vídeos curtos, na maioria das vezes em formato vertical, criam, segundo o autor, “regimes de interação discursiva” que

Episódios

transformam a experiência do espectador, tornando-a mais efêmera. Rodrigues (2024) identifica três principais regimes de sentido nesses produtos audiovisuais: o sentido conquistado, em que o enunciador busca convencer diretamente o público; o sentido codificado, que depende da decodificação de referências culturais compartilhadas; e o sentido, que mobiliza emoções e percepções imediatas por meio da linguagem visual e sonora.

Assim percebemos que, em um tempo em que o *streaming* dita o ritmo da vida e as telas são parte das nossas relações, produções como *Drive to Survive* ajudam a entender o poder das narrativas na cultura atual. Elas revelam que somos participantes de histórias que moldam nossos interesses e até redefinem a maneira como vivemos o esporte.

1.2. Problema de pesquisa

A tradicional transmissão dos fatos na Fórmula 1, centralizada na performance técnica, deu espaço para uma narrativa mais conectada com a experiência humana dos protagonistas, no caso dos pilotos. Nesse cenário, a produção audiovisual se tornou uma ferramenta de construção. Com a chegada da série *Drive to Survive* iniciou-se um processo de reconfiguração da imagem pública do esporte. Seu diferencial está na maneira como organiza os acontecimentos por meio de uma estrutura narrativa marcada por emoção. Humanizando os personagens e dramatizando os episódios, *Drive to Survive* cria um novo espaço para o esporte mais próximo do público.

Nesse contexto, o problema que orienta esta monografia é: de que maneira a estrutura narrativa e os elementos discursivos da série *Drive to Survive* contribuem para transformar a percepção pública da Fórmula 1, tornando-a mais atraente para públicos mais jovens?

Ao pesquisar essa questão, percebe-se o impacto que a série teve sobre o modo como o esporte é visto e consumido. Adotando uma narrativa que combina emoção com os bastidores, *Drive to Survive* vai além da cobertura tradicional focada em resultados e desempenho. Entender como esses recursos audiovisuais são utilizados e de que forma influenciam a relação do público com a Fórmula 1 é importante para compreender o papel do *streaming* no consumo esportivo atual.

Essa pergunta ganha ainda mais força se pensarmos no atual ambiente de convergência midiática, ou seja, o público assume um papel ativo na criação e circulação dos sentidos. A série consegue dialogar com um público que historicamente esteve afastado da Fórmula 1. Dados da Nielsen Sports (2022) mostram que uma quantidade considerável de jovens que nunca acompanharam uma corrida passou a consumir o esporte a partir da série. Não necessariamente porque passaram a entender mais de automobilismo, mas porque se conectaram com as histórias contadas. Como destaca Núñez:

A narrativa é uma ponte entre a realidade e a emoção; uma forma de organizar o mundo por meio do afeto. Contar histórias é uma maneira de dar sentido àquilo que, isoladamente, seriam apenas fatos soltos. (2008, p. 34)

E é exatamente isso que a série faz, transforma os fatos isolados das corridas em histórias, onde cada episódio é um drama com protagonistas. A câmera deixa de olhar apenas para o carro e passa a observar o piloto, sua expressão. A emoção, nesse caso, deixa de ser um subproduto e passa a ser o centro da narrativa. Além disso, a estética da série contribui para essa reconfiguração da experiência esportiva, a trilha sonora é colocada para amplificar emoções, os planos fechados revelam detalhes que o público jamais veria em uma transmissão esportiva comum. Como explica Van Sijll:

No audiovisual, a emoção não vem apenas do conteúdo, mas da forma. A maneira como uma imagem é iluminada, o tempo de sua duração, a música que a acompanha, tudo isso produz sentidos que vão além do que está sendo dito. A montagem é, nesse sentido, uma escrita emocional. (2017, p. 79)

E essa representação é o que permite que o público se identifique com o esporte, quando a câmera mostra um piloto chorando após um abandono ou feliz com uma vitória, ela convida o espectador a sentir junto, essa conexão é poderosa e tem efeitos na forma como o esporte é percebido. Assim, o problema de pesquisa se estabelece a partir da curiosidade da autora de compreender como essas escolhas narrativas e discursivas ajudam a modificar o significado da Fórmula 1 no imaginário do público. A série *Drive to Survive* é o ponto de partida para uma investigação que busca entender o papel da comunicação audiovisual na construção do esporte, especialmente em tempos de consumo onde há participação ativa do público nas redes sociais.

1.3. Objetivos e relevância da série no cenário atual

Para entender mais sobre esses efeitos do audiovisual, foi preciso estabelecer um objetivo central desta monografia, assim foi instituído a realização de analisar os elementos narrativos e discursivos presentes na série *Drive to Survive* e o como eles influenciam a percepção da Fórmula 1 enquanto produto cultural e midiático. A escolha por este recorte parte do entendimento de que a série oferece uma narrativa que reconfigura o modo como o público enxerga e se relaciona com a categoria. Desta maneira, é possível elaborar a pesquisa de forma mais assertiva, a fim de obter-se o resultado esperado que, somado aos objetivos específicos, permite maior clareza. Sendo assim, os objetivos específicos que acompanham o objetivo geral do trabalho são:

- Identificar estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos dentro da série.
- Relacionar os recursos estéticos e audiovisuais empregados para gerar envolvimento emocional com o espectador.
- Indicar como a série articula discursos que reconfiguram o modo como o esporte é percebido e consumido pelo público jovem.

A escolha da série *Drive to Survive* como objeto central desta monografia se dá pela afinidade da autora com o esporte e parte do entendimento de que a Fórmula 1 é um fenômeno cultural e comunicacional que, quando se encontra com linguagens audiovisuais bem construídas, ganha camadas capazes de ressignificar sua imagem diante do público. Ao observar a repercussão e o impacto da série, torna-se evidente sua relevância como objeto de estudo. O modo como *Drive to Survive* ajudou a reconstruir a imagem da Fórmula 1 diante de novos públicos os trazendo para perto da modalidade representa um exemplo de como a comunicação pode atuar como mediadora entre a sua recepção cultural. O interesse desta monografia está em compreender os recursos narrativos e discursivos que possibilitam essa mediação. A série opta por uma narrativa centrada na emoção, que destaca o drama dos personagens. Isso amplia o alcance da imagem da Fórmula 1 e aproxima o esporte de um público mais jovem, acostumado a consumir narrativas audiovisuais que valorizam a experiência humana. Além disso, a série se insere em um momento de mudanças no modo como consumimos conteúdo. A ascensão das plataformas de *streaming* transformou a forma como acessamos informações e, também, como

nos relacionamos com elas. No caso de *Drive to Survive*, isso se traduz na forma como a série ultrapassa os limites do docudrama - uma forma híbrida entre documentário e ficção que reconstitui fatos reais utilizando recursos dramáticos, como trilha sonora, encenação e estrutura narrativa cinematográfica (Nichols, 2010) - aproximando-se de uma linguagem cinematográfica que mistura estética e emoção. A estrutura dos episódios, a escolha dos personagens, a construção dos conflitos e o ritmo da edição seguem uma lógica de entretenimento que atrai mesmo aqueles que nunca acompanharam uma corrida na vida. Ao humanizar os protagonistas da Fórmula 1, ela altera a lógica de consumo do esporte, o espectador deixa de ser um observador externo e passa a se sentir parte do universo mostrado. Nesse contexto, a competição deixa de ser apenas sobre voltas mais rápidas e passa a ser sobre pessoas.

Dessa forma, a justificativa desta pesquisa está ligada na necessidade de compreender como *Drive to Survive* opera transformações na percepção pública de práticas esportivas. Ao analisar a série, foram investigados os modos de representação, os mecanismos discursivos e as estratégias de linguagem que colaboram para essa transformação. Assim, a monografia se justifica por seu potencial em contribuir para os estudos em comunicação, mídia e esporte.

2. Metodologia e definição do *corpus* de análise

Esta monografia foi construída a partir de dois procedimentos centrais: a revisão bibliográfica e a análise de conteúdo articulada ao discurso narrativo e audiovisual. A escolha dessas abordagens surgiu do interesse em compreender os efeitos produzidos pela série *Drive to Survive* sobre a Fórmula 1 e investigar de que maneira ela contribuiu para aproximar o esporte de um público mais jovem. A revisão bibliográfica permitiu reunir conceitos e reflexões que serviram de suporte para a análise, envolvendo temas como narrativa, representação, linguagem audiovisual e cultura da convergência. Como reforça Garcia (2016, p. 292), “a revisão bibliográfica é parte essencial de toda e qualquer pesquisa, pois corresponde à fundamentação teórica que sustenta a análise do objeto de estudo”.

Foram estudados autores que auxiliam na compreensão dos elementos que atravessam a série, entre eles Henry Jenkins (2009), cujas reflexões sobre a cultura da convergência ajudam a entender as novas dinâmicas de participação e circulação midiática; Bill Nichols (2010), com sua classificação dos modos de representação documental; Jennifer Van Sijll (2017), que examina aspectos técnicos e sensoriais da linguagem audiovisual; e Antonio Núñez (2008), que discute o *storytelling* como estratégia de engajamento do público.

Para contextualizar as transformações ocorridas na Fórmula 1 após a aquisição da categoria pela Liberty Media, bem como o impacto da série na construção da imagem do esporte, foram utilizados o livro *Formula One: The Official History*, de Maurice Hamilton (2020), e a pesquisa acadêmica de Pedro Oliveira (2022). Além disso, dados disponibilizados pela Nielsen Sports (2022), reportagens especializadas e informações do site oficial e do aplicativo da Fórmula 1 foram reunidos para fortalecer e complementar a base analítica da pesquisa.

O segundo procedimento metodológico foi a análise de conteúdo. O objetivo com esse método foi entender como a narrativa da série foi construída, quais recursos foram usados para gerar emoção e interesse, e como tudo isso influencia a forma como a Fórmula 1 é representada.

Segundo Bardin (2011, p. 37), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que busca descrever o conteúdo das mensagens de forma sistemática e objetiva, permitindo identificar categorias e significados”. Já para Pêcheux (1997), a análise do discurso permite compreender as condições que produzem o sentido, considerando as influências sociais, culturais e ideológicas que marcam cada discurso.

O *corpus* de análise desta monografia foi composto por doze episódios selecionados entre as sete temporadas da série *Drive to Survive* até então. A escolha partiu de um critério interpretativo, priorizando episódios com relevância narrativa, impacto emocional e representatividade audiovisual dentro do conjunto da obra. Esses episódios apresentam momentos que sintetizam o modo como a série constrói o discurso da humanização dos pilotos e a reaproximação da Fórmula 1 com o público, especialmente o jovem. A seleção optou por apresentar conflitos internos e externos, além de cenas que revelam os bastidores emocionais e estratégicos do esporte, onde se evidencia a fusão entre o humano e o técnico.

Para organizar a análise, foi elaborado um quadro que agrupou os elementos em quatro dimensões analíticas: Oposições semânticas, recursos do audiovisual, temas e subtemas e estratégias discursivas.

Oposições semânticas de base são contrastes que ajudam a construir o sentido da narrativa, essas oposições criam tensão e movimento, permitindo que o público se envolva com a história. Os recursos do audiovisual incluem os planos e movimentos de câmera, a montagem e a sonorização, cada um desses elementos contribui para guiar o olhar do espectador pelo conteúdo que ele está assistindo. Temas e subtemas envolvem questões universais que atravessam as histórias, esses temas aproximam o público dos personagens e tornam a narrativa mais humana. Por fim, as estratégias discursivas são as formas de contar a história e criar conexão com quem assiste, elemento principal para a realização nas análises. Assim, foi possível organizar as análises dos 12 episódios selecionados.

3. Fundamentação teórica

Durante o desenvolvimento desta monografia, foram identificados diversos conceitos da cultura comunicacional e esportiva que sustentam a problemática proposta pela pesquisa. Entre eles, destaca-se a noção de cultura comunicacional contemporânea, marcada por um intenso processo de convergência, no qual mídias, linguagens e públicos interagem de maneira dinâmica. Henry Jenkins (2009) é um dos autores estudados para compreender esse fenômeno, já que descreve como a convergência não se limita a um aspecto tecnológico, mas representa uma transformação cultural. Para o autor,

A convergência representa uma mudança no modo como compreendemos o que os meios de comunicação significam em nossas vidas. [...] Trata-se de um fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de mídia, da cooperação entre múltiplas indústrias de mídia e do comportamento migratório do público, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que deseja (JENKINS, 2009, p. 27).

A escolha de Jenkins se justifica porque *Drive to Survive* é um produto típico dessa convergência, ao mesmo tempo em que é um documentário esportivo, também dialoga com o cinema, com as redes sociais e com práticas participativas do público. O espectador interage nas redes, compartilha trechos, cria memes e prolonga a narrativa em outros espaços midiáticos. Assim, a série exemplifica o conceito de “inteligência coletiva” de Jenkins, segundo o qual o público não é mais apenas receptor, mas cocriador.

Outro autor que contribuiu com seus conhecimentos e assim, entender melhor o papel da série dentro do esporte foi Guy Debord (1997), que desenvolveu a noção de “sociedade do espetáculo”. Embora seu texto tenha sido escrito décadas antes do surgimento das plataformas digitais, ele se mantém atual para pensar em produtos como *Drive to Survive*. Debord argumenta que, no mundo contemporâneo, a experiência imediata é substituída por sua representação mediada por imagens. Como ele afirma:

Tudo o que antes era vivido diretamente tornou-se uma representação. [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (DEBORD, 1997, p. 14).

A série documental coloca essa tese em prática ao transformar a Fórmula 1, consumida como um evento esportivo, em uma narrativa mediada por recursos audiovisuais. As corridas, que antes eram vividas ao vivo diante das câmeras de transmissão, tornam-se material para uma narrativa dramatizada, carregada de tensão e emoção. O espetáculo deixa de ser apenas a corrida

e se estende aos bastidores. Debord é citado porque ajuda a compreender essa transformação do esporte em espetáculo midiático, algo que a série amplifica.

No campo da linguagem audiovisual, Jennifer Van Sijll (2017) contribui para destacar a força das escolhas estéticas no engajamento emocional do público. Para a autora,

O visual de um filme carrega mais da metade da carga emocional. As imagens, a iluminação, os cortes, a música, o design sonoro e até mesmo o silêncio são instrumentos que constroem a percepção do público (VAN SIJLL, 2017, p. 79).

A citação é importante, pois *Drive to Survive* utiliza esses recursos técnicos com intensidade, podemos notar isso com as trilhas sonoras dramáticas, cortes rápidos para criar tensão, closes intensificando expressões, além de silêncios que reforçam o impacto de certas cenas. A obra de Van Sijll é mencionada para evidenciar que a série não apenas “mostra” a Fórmula 1, mas a reconstrói por meio de uma estética cinematográfica planejada para despertar emoção.

Além disso, a análise da narrativa exige compreender a dinâmica do público contemporâneo, marcada pela fragmentação e pela interatividade. Carlos Scolari (2013) contribui com esse olhar ao analisar a narrativa transmídia e os modos de recepção no ambiente digital. Como ele observa:

A narrativa transmídia e o consumo sob demanda exigem do produtor uma nova compreensão das práticas do público. O espectador atual não é passivo; ele é interativo, comparativo, participativo. [...] O conteúdo deve se moldar a essa dinâmica (SCOLARI, 2013, p. 15).

A relevância de Scolari se dá porque *Drive to Survive* foi concebida já dentro desse contexto. A Netflix produz para um espectador que assiste a vários episódios de uma só vez, o chamado *binge-watching*, ele comenta nas redes sociais e busca complementar sua experiência em outras mídias. O conceito de transmídia é útil para entender por que a série alcançou tanto sucesso, já que ela dialoga com um modo de consumo em que o público espera interagir.

O livro *Comunicação e Narrativa Audiovisual* (2015), que reúne diversos autores, é referência fundamental para que seja possível entender a técnicas do audiovisual. Cristina Brandão e Aline Maia (2015) destacam que “o audiovisual não é apenas o que se vê e se ouve, mas o que se sente e se interpreta.” (p. 23). Essa definição é essencial para mostrar que o

audiovisual também atua no campo das emoções, algo que se aplica diretamente à análise da série.

Mungiolli (2015), no mesmo livro, desenvolve a noção de “hibridismo narrativo”, explicando que produções contemporâneas misturam gêneros para engajar o público. Para ele, “as narrativas audiovisuais operam como sistemas de significação que reproduzem a realidade e interpretam, selecionam e ressignificam” (MUNGIOLLI, 2015, p. 106). Essa ideia ajuda a compreender como *Drive to Survive* se apropria de estratégias da ficção para contar uma história baseada em fatos reais.

Da mesma forma, Salazar (2015) argumenta que “a estética audiovisual comunica tanto quanto o conteúdo” (p. 132), reforçando que a forma como a série monta suas cenas é tão relevante quanto o que está sendo mostrado. Já Laia (2015) observa que “a emoção não é um subproduto, mas uma estratégia” (p. 145), evidenciando que a escolha de centrar a narrativa nos dramas pessoais não é casual, mas planejada.

No campo do esporte como produto midiático, Kotler e Keller (2012) contribuem para compreender o consumo de experiências. Segundo eles, as pessoas compram bens não apenas por sua utilidade funcional, mas também pelo que eles significam em termos sociais (KOTLER; KELLER, 2012, p. 27). Assim é mostrado que consumir esporte é vivenciar pertencimento, identidade e afeto. Esse raciocínio é reforçado por Bauman (2008), que descreve a sociedade contemporânea como marcada por um consumo no qual “o que se busca não é o objeto em si, mas o que ele representa em termos de pertencimento e reconhecimento” (BAUMAN, 2008, p. 45). Além disso, Bassi (2012) afirma que “na sociedade globalizada, o esporte se constitui como mercadoria cultural, sendo consumido como espetáculo, estilo de vida e identidade” (p. 23). Essa citação é usada porque mostra que a Fórmula 1 já vinha sendo mercantilizada, mas a série amplia esse processo ao transformá-la em narrativa audiovisual acessível globalmente.

Autores como Maurice Hamilton (2020) e Pedro Oliveira (2022) foram utilizados para compreender a transformação da Fórmula 1 em espetáculo midiático. Hamilton (2020, p. 54) observa que Bernie Ecclestone, antigo CEO do esporte, via a F1 como um “produto de luxo”, voltado apenas a grandes marcas e elites. Já Oliveira (2022) aponta como a chegada da Liberty Media reposicionou o esporte para torná-lo mais acessível e popular, estratégia que encontrou em *Drive to Survive* um de seus maiores triunfos.

Um dos elementos fundamentais para compreender este estudo é o uso dos planos e dos movimentos de câmera. Os planos determinam a distância entre a câmera e o objeto filmado e, a cada mudança, transformam a forma como o público se relaciona com a cena. O plano geral revela o cenário como um todo, situando o espaço e a ação, sendo especialmente útil para estabelecer o contexto e a escala do ambiente. O plano de conjunto aproxima um pouco mais, destacando grupos ou relações entre personagens sem perder a noção do espaço. Já o plano médio enquadra a figura humana por inteiro, permitindo observar gestos e movimentos com clareza.

O plano americano, que enquadra o corpo dos joelhos para cima, equilibra expressão facial e ação corporal, mantendo sua marca histórica ligada aos filmes de faroeste e funcionando bem em diálogos mais dinâmicos. O meio primeiro plano (da cintura para cima) e o primeiro plano (do peito para cima) reduzem gradualmente a distância emocional, fazendo com que reações, olhares e entonações ganhem destaque. O primeiríssimo plano, centrado no rosto, evidencia microexpressões e intensifica a intimidade ou a tensão dramática. Já o plano detalhe isola uma parte do corpo ou um objeto, direcionando a atenção para elementos decisivos da narrativa (PRIMEIRO FILME, 2025).

Os ângulos de câmera, por sua vez, resultam da altura e da lateralidade do equipamento em relação ao sujeito, influenciando diretamente a leitura da cena. O ângulo ao nível dos olhos costuma transmitir neutralidade e identificação. A plongée, quando a câmera está posicionada acima, tende a sugerir vulnerabilidade ou submissão. Em sentido oposto, a contra-plongée — com a câmera em posição mais baixa — confere imponência ou um certo caráter ameaçador ao personagem. As variações laterais, como os enquadramentos frontal, em três-quartos, de perfil ou de nuca, também transformam a percepção das atitudes e das relações sociais, permitindo desde um confronto direto (no enquadramento frontal) até maior distanciamento crítico (no perfil) (PRIMEIRO FILME, 2025).

Além do enquadramento estático, o cinema faz uso de diferentes movimentos para criar dinamismo e ampliar as possibilidades expressivas da cena. Esses movimentos podem ocorrer dentro do próprio quadro, quando personagens ou objetos se deslocam enquanto a câmera permanece fixa; podem surgir a partir do movimento da câmera; ou resultar de ajustes feitos na objetiva. Entre os movimentos de câmera mais recorrentes está a panorâmica, um giro em torno do eixo do equipamento que permite acompanhar ações ou revelar partes do espaço

antes ocultas. Outro movimento significativo é o *travelling*, no qual a câmera se desloca fisicamente, possibilitando aproximações lentas, acompanhamentos de personagens ou transformações na percepção do plano-sequência. Movimentos verticais realizados com grua ou com steadicam também modificam a relação espacial e emocional com o sujeito filmado, ampliando a experiência sensorial da cena (PRIMEIRO FILME, 2025).

4. Análise da Série *Drive to Survive*

Nesse capítulo iremos dar início as análises dos discursos narrativos e nas estratégias dos planos e movimentos de câmeras, que foram utilizados na série para humanizar os pilotos e assim torná-los pessoas normais no imaginário do público. Essa estratégia de colocarem a imagem de pilotos e chefes de equipes como pessoas que sentem sentimentos comuns de jovens, como o medo, é usada para que o consumidor se identifique com a situação e veja que é normal pessoas consideradas “sobrenaturais”, pessoas que estão no ápice de sua carreira, sentirem emoções, e assim a série também funciona como um apoio emocional, apresentando que o erro faz parte de uma história de crescimento.

Para realizar as análises, foi desenvolvido um quadro com palavras-chaves de acontecimento de cada episódio proposto para a realização da análise. Com esse quadro, foi possível organizar os momentos impactantes, seguindo conceitos como: oposições semânticas de base; recursos de audiovisual, temas e subtemas, estratégias narrativas e momentos marcantes.

4.1. Análise temporada 1, episódio 4: "A Arte da Guerra"

<i>Categoria</i>	<i>Exemplos no episódio</i>
<i>Oposições semânticas de base</i>	<i>Instabilidade x Reencontro.</i>
<i>Recursos do audiovisual</i>	<i>Close-ups nos rostos dos pilotos</i> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Travellings rápidos nas ultrapassagens</i> • <i>Planos fixos nos boxes</i> • <i>Som diegético (rádios, motores) e pausas de silêncio</i> • <i>Montagem paralela entre pista e bastidores</i>
<i>Temas e subtemas</i>	<i>Tema central: A Fórmula 1 como campo de guerra estratégica e emocional.</i> <i>Subtemas:</i> <i>Pressão psicológica dos pilotos</i> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Liderança e dilemas táticos dos chefes de equipe</i> • <i>Relação entre controle técnico e falha humana</i>
<i>Estratégias narrativas</i>	<i>Alternância entre corrida e bastidores</i> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Contraste entre ação e introspecção</i> • <i>Ritmo variável (aceleração e pausa)</i> • <i>Entrevistas para reforçar emoção e estratégia</i>
<i>Momentos Marcantes</i>	<ul style="list-style-type: none"> * <i>[00:03:20] Ricciardo se prepara para a corrida (silêncio + close dramático)</i> * <i>[00:14:50] Disputa direta entre Ricciardo e Verstappen (travelling + som real dos motores)</i> - <i>[00:27:10] Reunião estratégica nos boxes (plano fixo e fala contida dos engenheiros)</i> - <i>[00:34:00] Entrevista pós-corrida com Ricciardo refletindo sobre erros (iluminação suave, tom introspectivo)</i>

O episódio 4 da Temporada 1 de *Drive to Survive*, intitulado “A Arte da Guerra”, foca em estratégias e rivalidades dentro da Fórmula 1, especialmente as tensões entre equipes rivais e a pressão que os pilotos enfrentam para manter a competitividade. Um dos elementos centrais do episódio é a abordagem dos chefes de equipe e como essas decisões impactam diretamente a performance e a carreira dos pilotos. A narrativa se constrói a partir de momentos de corrida, bastidores e entrevistas pessoais, permitindo ao espectador uma visão diferente da Fórmula 1. Essa escolha narrativa reforça o objetivo geral desta pesquisa ao evidenciar como os elementos narrativos e discursivos contribuem para reconfigurar o esporte como um produto cultural e midiático, aproximando o público do lado humano do automobilismo.

Do ponto de vista audiovisual, o episódio faz uso de contrastes narrativos e visuais quando são utilizados planos gerais da pista durante ultrapassagens intensas, que são intercalados com planos médios e *close-ups* do *cockpit*, apresentando a tensão individual. Quando um piloto enfrenta dificuldades ou perde posições, a câmera muitas vezes permanece fixa sobre seu rosto ou sobre a interação com o engenheiro, mostrando sua vulnerabilidade e humanizando figuras que, na mídia tradicional, muitas vezes são vistas apenas como pessoas de sucesso. Essa opção discursiva se alinha à perspectiva de Jenkins (2009) sobre a cultura da convergência, na qual as narrativas se expandem para além da informação técnica e passam a construir laços afetivos com o público.

Esses movimentos de câmera que contribuem para a humanização dos personagens, por exemplo, *close-ups* nos rostos dos pilotos, como Daniel Ricciardo (piloto da RedBull) e Max Verstappen (piloto novato também da RedBull), mostram expressões de concentração, frustração ou alegria imediata após os acontecimentos da pista, aproximando o espectador da experiência emocional do piloto, permitindo que o público perceba também o impacto psicológico das corridas. Em momentos de tensão, como decisões estratégicas em *pit stops* ou disputas na pista, a câmera alterna entre plano detalhe das mãos nos volantes e plano médio do *cockpit*, reforçando a vulnerabilidade e a pressão sobre o piloto.

Travellings rápidos acompanhando os carros na pista, combinados com edição acelerada, transmitem a intensidade das corridas e o ritmo frenético que define a Fórmula 1. Já em contraste, planos fixos dentro do *paddock* ou na garagem, muitas vezes com leves movimentos de câmera para seguir conversas, criam um ambiente de intimidade, mostrando os chefes de equipe e engenheiros discutindo estratégias ou avaliando problemas técnicos. Esses momentos silenciosos destacam a dimensão humana dos líderes, mostrando sua preocupação, tensão de forma sutil, sem a necessidade de diálogo excessivo. Essa alternância de ritmo e foco

visual é uma escolha narrativa que cumpre a dimensão de demonstrar como a série articula discursos que reconfiguram o modo como o esporte é percebido e consumido, enfatizando o trabalho coletivo e emocional por trás da corrida.

A edição sonora também contribui para a humanização ao utilizar os próprios sons reais de motores, pneus derrapando e comunicação por rádio, alternados com momentos de silêncio nos bastidores, amplificando a tensão ou a reflexão dos personagens. Em particular, cenas de Hamilton (piloto da Mercedes-AMG Petronas) sendo entrevistado após corridas mostram seus pensamentos, enquanto a música dramática enfatiza o impacto emocional sem manipular exageradamente o espectador. Esses recursos reforçam a ideia de que, além de atletas de elite, os pilotos são pessoas que enfrentam pressão constante, medo de erro e a responsabilidade de representar suas equipes e patrocinadores. Assim, o episódio mostra como os elementos discursivos e estéticos de *Drive to Survive* constroem uma experiência de identificação emocional, aproximando o público jovem, principal alvo da narrativa, de um esporte antes visto como distante e técnico.

Em termos de estratégia narrativa, o episódio utiliza alternância entre corrida e bastidores, criando uma narrativa paralela que mostra não a ação na pista e o trabalho psicológico que sustenta o desempenho dos pilotos. Essa estrutura, marcada por uma montagem dinâmica e um ritmo que combina drama e realidade, exemplifica o hibridismo narrativo abordado por Mungioli (2015), em que a série combina recursos do documentário e da ficção para intensificar o envolvimento do público. A humanização ocorre nesse contraste com os pilotos, vistos por muitos como heróis inalcançáveis, são retratados como profissionais lidando com ansiedade, enquanto os chefes de equipe enfrentam dilemas de liderança, escolha de estratégias e gerenciamento de expectativas. Assim, “A Arte da Guerra” responde de forma direta ao problema de pesquisa ao demonstrar que a força de *Drive to Survive* está em seu potencial de transformar a percepção pública da Fórmula 1.

4.2. Análise temporada 1, episódio 8 “A Nova Geração”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Experiência × Juventude
Recursos do audiovisual	<p><i>Depoimentos frontais em plano médio e foco reduzido</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Planos subjetivos dentro do cockpit • Close-ups e planos lentos em momentos de reflexão • Iluminação suave e cores neutras • Alternância de ritmo (montagem rápida nas corridas e pausada nos bastidores) • Uso de imagens de arquivo de Jules Bianchi
Temas e subtemas	<p>Tema central: Determinação e legado como forças que moldam a identidade do piloto</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pressão emocional e disciplina mental • Formação pessoal e amadurecimento profissional
Estratégias narrativas	<p>Alternância entre ação e introspecção</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paralelismo entre Leclerc e Bianchi • Montagem simbólica (do passado ao futuro) • Contraste sonoro e visual entre pista e bastidores
Momentos marcantes	<p>* [00:02:10] Leclerc fala sobre Jules Bianchi (plano frontal, foco nos olhos)</p> <p>- [00:10:40] Sequência de treino com câmera subjetiva no cockpit e som abafado do motor</p> <p>- [00:21:30] Leclerc sozinho nos boxes, revisando dados (plano fixo, luz neutra)</p> <p>- [00:31:00] Flashback de Bianchi intercalado com close no olhar de Leclerc</p> <p>- [00:38:45] Cena final com Leclerc junto à Ferrari (travelling suave + trilha crescente)</p>

O episódio “A Nova Geração” concentra-se em Charles Leclerc, então piloto da Alfa Romeo (atual Sauber), mostrando sua dimensão humana e emocional. Desde o início, a narrativa constrói o episódio como uma história de determinação e legado, conectando o percurso do jovem piloto à ideia de superação e continuidade de um sonho interrompido. O uso de depoimentos frontais de Leclerc, filmados em plano médio com fundo desfocado, permite que o espectador compreenda sua motivação de honrar o sonho do padrinho Jules Bianchi, que acabou sofrendo um grave acidente no GP do Japão em 2014 – registrado a última morte dentro a Fórmula até os dias de hoje, e não resistiu, que nunca teve a oportunidade de pilotar

pela Ferrari, seu grande sonho. O plano frontal aproxima o público do piloto, tornando suas palavras mais íntimas, enquanto a profundidade de campo reduzida mantém o foco em sua expressão, transmitindo sinceridade. Essa escolha narrativa cumpre a identificação das estratégias utilizadas na construção de personagens e conflitos, evidenciando a dimensão emocional como eixo central da narrativa.

A montagem alterna entre corridas, treinos e momentos de introspecção, criando um ritmo que combina ação e reflexão. Durante os treinos, a câmera frequentemente utiliza planos subjetivos dentro do *cockpit*, combinados com som abafado do motor e respiração do piloto, aproximando o espectador da experiência física da pilotagem. Esses planos humanizam Leclerc, com foco na sua concentração e esforço físico, lembrando que, apesar do glamour da Fórmula 1, cada volta é um desafio intenso. Essa estrutura audiovisual foca em deslocar-se da performance técnica para a vivência emocional, tornando o esporte mais acessível e empático, especialmente para o público jovem que busca narrativas de identificação.

Em contraste, cenas de bastidores mostram Leclerc sozinho, revisando dados ou refletindo, geralmente com plano médio estático ou ligeiros movimentos de câmera acompanhando seus gestos. A iluminação suave e as cores neutras reforçam sua vulnerabilidade, criando uma sensação de introspecção que contrasta com a adrenalina das corridas. Momentos assim permitem que o público perceba o lado estratégico e emocional do piloto, mostrando que a performance na pista depende também de disciplina mental e dedicação silenciosa. Essa construção visual se relaciona ao buscar compreender como a série utiliza elementos narrativos e discursivos para influenciar a percepção da Fórmula 1 enquanto produto cultural e midiático, inserindo o esporte em uma lógica de *storytelling* emocional e contemporâneo.

Outro ponto central é o paralelismo entre Leclerc e Jules Bianchi. A série utiliza imagens de arquivo de Bianchi e depoimentos de pessoas próximas, muitas vezes em planos médios com foco nos olhos ou gestos, para criar uma conexão emocional entre passado e presente. *Close-ups* em Leclerc, frequentemente com olhar fixo ou expressão pensativa, reforçam que sua motivação é também um tributo pessoal. O uso de planos próximos intensifica a empatia do espectador, tornando tangível a carga afetiva que guia suas ações e decisões. Essa escolha narrativa exemplifica o conceito de *storytelling* afetivo, como propõe Núñez (2008), em que a emoção se torna uma ponte entre o público e a história narrada. Assim, o episódio

traduz visualmente a noção de herança e pertencimento, valores que ressoam com a audiência jovem, que tende a se conectar com trajetórias de superação e propósito.

Em momentos de introspecção, a música combina com planos lentos ou estáticos, enfatizando a vulnerabilidade e o foco interno do piloto. Já nos treinos e corridas, a edição rápida e cortes alternados entre planos gerais e subjetivos transmitem o ritmo acelerado da Fórmula 1, criando contraste com os momentos de calma e reflexão. Esse recurso sonoro relaciona os recursos estéticos e audiovisuais empregados para gerar envolvimento emocional com o espectador, uma vez que o som e a montagem funcionam como mediadores da empatia e da tensão dramática.

A narrativa conduz o espectador a sentir tensão, esperança e empatia, mostrando que Leclerc não é apenas um piloto promissor, mas alguém moldado por desafios, expectativas e memória afetiva. Movimentos de câmera leves em momentos de vitória ou superação, como *travellings* seguindo o piloto após ultrapassagens, enfatizam a ação sem perder a proximidade emocional, reforçando a ideia de que cada conquista é fruto de esforço e dedicação individual e coletiva. Essa abordagem se alinha ao conceito de hibridismo narrativo discutido por Mungioli (2015), pois combina a estrutura documental com elementos ficcionais de arco dramático, gerando maior identificação emocional e estética com o público.

Nos momentos finais, o episódio apresenta Leclerc visualmente conectado à Ferrari, mostrando o futuro e a realização de um sonho. A montagem de imagens da equipe, planos médios e *close-ups* do olhar determinado de Leclerc, junto com a trilha sonora que cresce, conclui o momento emocional, destacando o crescimento pessoal e profissional do piloto. O uso de diferentes planos e movimentos de câmera durante esses momentos finais humaniza o protagonista ao mesmo tempo em que reforça a realização de um legado, conectando emoção e narrativa visual de forma eficaz.

4.3. Análise temporada 2, episódio 4 “Dias Difíceis”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Vitória x Derrota.
Recursos do audiovisual	<p><i>* Câmera lenta e trilha grandiosa nas aberturas para mostrar poder</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Planos médios com fundo desfocado em depoimentos de Hamilton e Toto Wolff (humanização) - Paleta fria (cinza e azul metálico) para sugerir controle e racionalidade - Close-ups e câmera tremida nos momentos de falha (erro de pit stop, saída de pista) - Som ambiente amplificado (chuva, motor, rádio) e pausas sonoras estratégicas - Travellings curtos e planos estáticos alternados para contrastar caos e controle - Iluminação difusa e natural nos momentos pós-corrida (fragilidade e cansaço)
Temas e subtemas	<p>Tema: A vulnerabilidade como parte do sucesso e o valor da falha na construção humana.</p> <p>Subtemas:</p> <p>Pressão do desempenho</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fragilidade sob o mito da perfeição • Humanização da liderança • Relação entre técnica e emoção
Estratégias narrativas	<ul style="list-style-type: none"> *- Inversão de perspectiva: retratar a queda da equipe dominante - Alternância entre bastidores e pista para construir tensão - Uso de som e ritmo de montagem para representar colapso - Contraponto visual entre Hamilton (movimento) e Wolff (imobilidade) - Dilatação temporal da corrida para apresentar o trauma e a percepção subjetiva do erro - Encerramento reflexivo com imagens descoloridas e trilha melancólica (aprendizado e humildade)

Momentos marcantes	<ul style="list-style-type: none"> *- [00:03:10] Hamilton fala sobre o medo de falhar (plano médio, fundo desfocado) - [00:12:40] Tomadas dos boxes com erros na troca de pneus (close-ups e cortes rápidos) - [00:18:50] Saída de pista de Hamilton em câmera lenta e silêncio súbito após impacto - [00:19:30] Cena de caos nos boxes (plano sequência, som abafado, câmera tremida) - [00:25:00] Close de Toto Wolff em silêncio no pit wall (contraste visual e sonoro com o caos) - [00:33:15] Hamilton no motorhome, sozinho, com iluminação suave e som quase ausente - [00:39:00] Montagem final com vitórias antigas em contraste com o GP da Alemanha (trilha melancólica, imagens descoloridas)
--------------------	---

O quarto episódio da segunda temporada de *Drive to Survive*, “Dias Difíceis”, propõe uma mudança narrativa em relação ao padrão que, até então, sustentava a imagem da equipe Mercedes na Fórmula 1. Acostumada a dominar o campeonato com resultados quase sobre-humana, a *scuderia* aparece neste episódio confrontada pelo erro. O documentário escolhe retratar essa falha a partir de um momento específico, o Grande Prêmio da Alemanha de 2019, uma corrida caótica, realizada sob chuva e marcada por imprevistos que expuseram as fragilidades de uma equipe construída sobre a perfeição. Essa escolha narrativa se conecta ao revelar de que forma a estrutura narrativa da série transformam a percepção pública da Fórmula 1, ao deslocar o olhar do sucesso técnico para a vulnerabilidade humana, tornando o esporte mais próximo e compreensível ao espectador comum, especialmente ao público jovem.

Imagens dos carros correndo em câmera lenta, acompanhadas por uma trilha sonora que reforça a ideia de grandiosidade, são intercaladas com depoimentos de Lewis Hamilton, piloto da Mercedes e oito vezes campeão mundial, e Toto Wolff, chefe de equipe também da Mercedes. Hamilton, confiante, fala sobre a pressão que acompanha o sucesso: “Quando você vence tantas vezes, as pessoas esperam que você nunca falhe.” Essa fala do piloto evidencia a oscilação entre o domínio e a vulnerabilidade, constituindo uma estratégia narrativa que humaniza o personagem e cria identificação emocional, conforme propõem Núñez (2008) e Van Sijll (2017), ao tratar da emoção como elemento estruturante da narrativa audiovisual. A escolha do plano médio para o depoimento, com fundo desfocado, aproxima o espectador do

rosto de Hamilton, tornando suas emoções mais perceptíveis e trazendo o consumidor para sentir a emoção.

Para reforçar essa dualidade, o ambiente da Mercedes é mostrado em tons frios, com predominância do cinza metálico e azul, sugerindo controle. As tomadas de Hamilton nos bastidores revelam calma ao ajustar os fones, respirar fundo e repetir pequenos gestos que sinalizam uma rotina de precisão. O enquadramento reforça o momento de ordem. No entanto, à medida que o episódio avança para o fim de semana do GP da Alemanha, essa simetria começa a se quebrar. Pequenas falhas na operação, como erros na troca de pneus e uma comunicação desorganizada no rádio, são pontuadas por cortes rápidos e *close-ups* em rostos tensos, indicando o colapso que está por vir. O uso de planos próximos e movimentos de câmera ligeiramente instáveis nesses momentos ajuda a transmitir a tensão, mostrando que mesmo estruturas altamente organizadas podem submeter-se à pressão.

A chuva na corrida em Hockenheim é filmada quase como um personagem. O documentário utiliza plano fechado nas gotas d'água escorrendo sobre os carros, e o som amplificado da chuva no asfalto cria uma sensação de suspense. O som ambiente, quase isolado, combinado com *travellings* que acompanham os carros de perto, intensifica a percepção de risco e vulnerabilidade, fazendo com que o espectador sinta a imprevisibilidade do ambiente da mesma forma que o piloto. A trilha sonora para em determinados momentos, deixando apenas o som do motor e do rádio, o que aumenta a tensão. É nesse ambiente caótico que Hamilton comete um erro ao escapar da pista e danificar a asa dianteira do carro. O momento é capturado com plano de câmera lenta, em que o carro desliza para fora da curva, e o silêncio após o impacto dá lugar ao som da asa se despedaçando, tornando o erro quase palpável para o espectador e reforçando a humanidade do piloto. Essa abordagem exemplifica o conceito de hibridismo narrativo (MUNGIOLI, 2015), que mescla o real documental com uma estética cinematográfica voltada ao drama, convertendo a corrida em uma metáfora visual da queda e do aprendizado.

A sequência imediata, em que Hamilton entra nos boxes de forma irritada, é um exemplo claro de como *Drive to Survive* utiliza recursos audiovisuais para humanizar o piloto e expressar a falha como experiência coletiva. A câmera acompanha, em plano sequência, o caos da equipe, mecânicos correndo desorganizados, pneus trocados na ordem errada e o próprio piloto confuso dentro do carro. O som ambiente é abafado, como se o espectador

compartilhasse a sensação de desorientação do piloto. A compressão sonora, aliada a cortes rápidos e gestos nervosos, cria uma sensação de vulnerabilidade que raramente se vê associada à imagem de Hamilton. Esse momento cumpre demonstrar como a série utiliza elementos narrativos e discursivos para influenciar a percepção da Fórmula 1 enquanto produto midiático.

A montagem alterna então para Toto Wolff no *pit wall*, observando tudo em silêncio. O enquadramento em *close* destaca sua expressão rígida, e a inserção de respirações profundas funciona como detalhe mínimo, mas carregado de significado. Nesse ponto, a narrativa faz uso do contraponto visual, enquanto Hamilton é mostrado em câmera tremida com som distorcido, Wolff aparece imóvel e quase petrificado. Essa justaposição reforça que, mesmo em uma estrutura hierarquicamente perfeita, o erro atravessa todos os níveis da equipe. O uso de planos estáticos para Wolff cria contraste com os movimentos caóticos ao redor, humanizando o chefe de equipe e mostrando que liderança também envolve tensão e responsabilidade silenciosa.

Ao longo da corrida, a alternância entre o caos da pista e os depoimentos posteriores cria uma camada de reflexão que vai além da derrota. Em entrevistas gravadas após a corrida, Hamilton fala sobre estar “exausto” e “mentalmente drenado”, em contraste com o tom confiante das falas iniciais. A câmera o enquadra em plano médio, com luz natural difusa, sem o brilho das cenas iniciais. Essa escolha estética demonstra que a humanização se manifesta visualmente — pela luz, pela textura da imagem e pela ausência de brilho. Toto Wolff, por sua vez, admite que “até os melhores têm dias difíceis”, frase que dá título ao episódio. A narrativa, portanto, traduz o problema de pesquisa em prática, ao mostrar que a linguagem audiovisual de *Drive to Survive* atua como mediadora de sentidos, aproximando o público das emoções e imperfeições que compõem o espetáculo esportivo.

A narrativa de *Drive to Survive* sempre se constrói sobre contrastes, e neste episódio a contraposição com as outras equipes reforça a centralidade do tema. Quando o episódio insere breves momentos de equipes menores, o contraste visual é mais colorido; na Mercedes, o excesso de controle aparece como uma prisão. Essa oposição visual é um dos pontos mais fortes da construção dramática. O documentário sugere, sem dizer explicitamente, que o domínio técnico da Mercedes a distanciou de uma certa energia emocional presente nas equipes que ainda lutam para vencer. Aqui, observa-se a aplicação de um discurso que reforça a reconfiguração do esporte, mostrando que a vitória não é o único valor narrativo relevante, o fracasso também comunica humanidade e aprendizado.

Hamilton, frequentemente retratado como uma figura quase invulnerável, é mostrado em sua fragilidade física e emocional. Após o GP, há uma cena em que ele aparece sozinho, sentado no *motorhome*, com o capuz cobrindo parte do rosto. O som quase inaudível cria um efeito de introspecção. O enquadramento em plano médio com profundidade de campo reduzida concentra a atenção do espectador na postura e expressão de Hamilton, reforçando sua solidão e humanizando o piloto. Esse recurso traduz visualmente a vulnerabilidade como linguagem.

Do ponto de vista da estrutura narrativa, há uma ascensão, o momento de confiança excessiva na perfeição, e uma queda provocada por forças externas. O diferencial está na maneira como o documentário transforma essa queda em um momento de reconexão com o humano. A montagem final mostra imagens de arquivo da Mercedes em vitórias anteriores, seguidas por cenas do GP da Alemanha, agora desaceleradas e descoloridas. A trilha retorna em tom melancólico, sugerindo aprendizado e humildade. A corrida, que na realidade durou pouco mais de uma hora e meia, é estendida por meio de repetições, planos lentos e intercalamentos com depoimentos.

Ao final, a câmera se aproxima dos mecânicos e engenheiros, mostrando olhares apreensivos e gestos de frustração. O deslocamento do foco do herói individual para o grupo evidencia que a vulnerabilidade é compartilhada. O uso de planos curtos, profundidade de campo reduzida e movimentos de câmera suaves cria uma sensação de confinamento, reforçando a ideia de que todos estão presos dentro do mesmo “sistema da perfeição”. Cada gesto e expressão é perceptível ao espectador, intensificando a humanização de toda a equipe. Dessa forma, o episódio “Dias Difíceis” sintetiza de maneira exemplar os propósitos desta monografia, ao demonstrar como os elementos narrativos e discursivos de *Drive to Survive* transformam o olhar sobre a Fórmula 1, de um espetáculo técnico e distante para uma experiência emocional e humana, aproximando o esporte de uma nova geração de espectadores.

4.4. Análise temporada 2, episódio 10 “Bandeira Quadriculada”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Queda × Redenção
Recursos do audiovisual	<p>Luz fria e azulada nas cenas da Red Bull → reforça impessoalidade e rejeição.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Luz quente e natural na AlphaTauri → transmite acolhimento e recomeço. - Planos médios e closes sobre Gasly → captam vulnerabilidade e emoções contidas. - Movimentos de câmera fluidos e lentos na AlphaTauri → traduzem liberdade. - Cortes secos e som abafado durante a demissão → sublinham a frieza corporativa. - Montagem acelerada e trilha crescente na corrida de Monza → intensifica a catarse. - Plano em câmera lenta e som reduzido na linha de chegada → exalta o triunfo humano.
Temas e subtemas	<p>Tema central: Ressignificação do fracasso.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Superação individual; identidade profissional; afeto e pertencimento em contextos competitivos; contraste entre máquina e emoção humana.
Estratégias narrativas	<p>Arco heroico clássico (queda → reconstrução → redenção).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contraposição visual entre ambientes (Red Bull × AlphaTauri). - Uso do capacete como metáfora de identidade e transformação. - Narrativa rítmica: alternância entre introspecção e ação. - Humanização pela contenção emocional: ausência de melodrama, foco em gestos e silêncios.
Momentos marcantes	<ul style="list-style-type: none"> • [02:15] – Rebaixamento de Gasly na Red Bull: planos médios estáticos e luz azulada reforçam a impessoalidade e o sentimento de exclusão. • [06:40] – Gasly caminhando sozinho no paddock: close prolongado e som ambiente reduzido transmitem solidão e introspecção. • [12:10] – Primeiros dias na AlphaTauri: luz

	<p>natural e planos abertos comunicam acolhimento e recomeço emocional.</p> <ul style="list-style-type: none"> • [22:45] – Conversa com engenheiros antes de Monza: câmera em movimento suave e close-ups de olhares revelam confiança e foco. • [28:30] – Início do GP da Itália (Monza): ritmo de montagem acelerado, som crescente e planos embarcados criam tensão e envolvimento. • [31:00] – Safety car e tensão no pit stop: cortes rápidos entre garagem e cockpit reforçam o suspense e a imprevisibilidade. • [34:20] – Gasly cruza a linha de chegada: câmera lenta, silêncio momentâneo e foco em sua respiração — auge da humanização. • [35:50] – Comemoração da AlphaTauri: explosão sonora e planos curtos da equipe comunicam coletividade e catarse. • [37:40] – Reação fria de Horner em contraste com Gasly: montagem paralela evidencia o conflito entre emoção e hierarquia. • [39:15] – Plano final (Gasly em close com capacete): silêncio e luz suave encerram o arco narrativo com tom de introspecção e vitória pessoal.
--	--

O episódio final da segunda temporada de *Drive to Survive*, “Bandeira Quadriculada”, encerra a temporada de 2019 com um olhar voltado não para os campeões estabelecidos, mas para os pilotos que lutam por sobrevivência dentro da Fórmula 1 – o esporte acaba sendo algo muito perigoso, os pilotos correm a 300km por hora em uma pista com várias curvas - um universo que se revela, neste capítulo, menos como um espaço de glória e mais como um sistema de seleção. A escolha de centrar a história em Alexander Albon, então estreante promovido da Toro Rosso à RedBull no meio da temporada, representa a tensão entre o sonho e o medo, entre a oportunidade e a cobrança desumana. O episódio utiliza a metáfora da bandeira quadriculada como representação do limite, o fim de uma corrida que recomeça no instante seguinte. Essa estrutura narrativa, ao mostrar como *Drive to Survive* transforma a percepção pública da Fórmula 1 ao deslocar o foco da vitória para a vulnerabilidade, revelando o esporte como uma experiência humana e emocional, especialmente significativa para o público jovem, que se identifica com narrativas de superação e instabilidade.

Desde a sequência de abertura, *Drive to Survive* estabelece o tom emocional do episódio. A montagem inicial combina planos rápidos das últimas corridas do campeonato com cenas de bastidores em câmera lenta. A trilha sonora, inicialmente triunfante, desacelera e se

torna introspectiva, enquanto o som dos motores é concentrado a uma batida grave, remetendo à ansiedade. O *voice-over* de Albon, “Na Fórmula 1, cada corrida pode ser sua última”, é reforçado pelo enquadramento em *close*, aproximando o espectador de sua expressão facial e capturando pequenas microexpressões que indicam tensão do momento. A escolha do *close* e da luz fria acentua a solidão do jovem piloto, humanizando-o no contexto de um esporte dominado por gigantes da categoria.

A construção visual do espaço em torno de Albon reforça essa tensão. O piloto é frequentemente filmado em corredores estreitos, entre boxes e trailers, com a câmera seguindo seus movimentos próximos ao corpo, o que transmite a sensação de pressa constante e ausência de paz. O deslocamento da câmera junto a Albon, em planos médios e longos, reforça a instabilidade emocional, enquanto a luz branca fria enfatiza a rigidez do ambiente corporativo da Fórmula 1. Em contraste, quando o episódio mostra Albon em momentos familiares, ao telefone com sua mãe, a luz natural e o som ambiente criam intimidade e suavizam o tom, oferecendo ao espectador um respiro humano em meio à pressão competitiva. Esses contrastes cumprem como os elementos narrativos e discursivos de *Drive to Survive* influenciam a percepção da Fórmula 1 como produto cultural e midiático, capaz de articular emoção, estética e empatia de forma cinematográfica.

O episódio adota uma estrutura narrativa circular, começando com a preparação para as últimas provas e terminando com as mesmas imagens da bandeira quadriculada vistas no início, agora ressignificadas. A montagem paralela intercala histórias de outros pilotos em situação semelhante, como Lando Norris (piloto da McLaren, George Russell (piloto da Williams) e Carlos Sainz (piloto da McLaren). O recurso de alternância de planos, entre *close-ups* nas expressões de preocupação ou alegria e planos médios mostrando a movimentação no paddock, permite ao espectador perceber que todos os pilotos, mesmo aqueles que aparentam ascensão, enfrentam dilemas semelhantes de expectativa e vulnerabilidade. Essa construção que é identificar as estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos dentro da série, evidenciando o uso da coletividade como contraponto à individualidade heroica típica do esporte.

Um dos momentos mais marcantes é a sequência do Grande Prêmio do Brasil de 2019, em que Albon está prestes a conquistar um pódio inédito, até ser atingido por Lewis Hamilton nas voltas finais. A corrida é mostrada em ritmo acelerado, com cortes rápidos entre rádios, planos subjetivos do *cockpit* e planos gerais da pista, intercalando o público e a reação dos engenheiros. No instante do toque, a quebra de ritmo, a desaceleração da imagem e a câmera

fixa no carro de Albon girando evidenciam o choque emocional. O silêncio absoluto que segue, pontuado apenas pelo som de respiração, intensifica a sensação de perda e isolamento, humanizando Albon em um momento de frustração extrema. Quando o rádio transmite seu desabafo, “Ele me acertou!”, a combinação de *close-up*, corte rápido e som recuperado torna a injustiça quase palpável para o espectador. Esse conjunto técnico e estético exemplifica a função do audiovisual como mediador de empatia.

A seguir, o documentário intercala as reações de Albon após a corrida com Hamilton se desculpando. O foco permanece no jovem piloto. A câmera lenta, a saturação reduzida e o enquadramento de costas transformam o corpo de Albon em momento de exaustão. Os planos longos e a iluminação natural reforçam a dimensão psicológica da derrota, permitindo que o público perceba os efeitos emocionais da pressão competitiva. Essa abordagem reforça a tese desta monografia ao ilustrar como a série articula discursos que reconfiguram o modo como o esporte é percebido e consumido pelo público, ao transformar a derrota em um espaço de humanidade, aprendizado e identificação.

O episódio mostra o contraponto de pilotos como Lando Norris e Carlos Sainz, que vivem momentos de ascensão. Norris é filmado em planos médios e *close-ups*, alternando cenas de interação descontraída com a equipe e entrevistas introspectivas que revelam preocupação com a própria permanência na categoria. Sainz, em depoimentos, comenta a satisfação de levar a McLaren ao pódio, mas a narrativa intercala imagens de outros pilotos se despedindo ou recolhendo pertences, criando tensão entre sucesso e vulnerabilidade. A alternância entre planos de comemoração e despedida evidencia a o emocional da Fórmula 1, mostrando que vitória e frustração impactam a vida pessoal dos pilotos. Essa alternância entre euforia e fragilidade ilustra o conceito de hibridismo narrativo (MUNGIOLI, 2015), ao fundir a estrutura documental com elementos ficcionais típicos do drama, criando uma experiência estética e emocional que aproxima o público dos protagonistas.

Os bastidores corporativos são apresentados por depoimentos de chefes de equipe, como Christian Horner, enquadrados em planos médios ou *close-ups* discretos, transmitindo frieza e racionalidade. Ao mesmo tempo, imagens de Albon sozinho no motorhome, olhando para o celular com luz suave entrando pela janela, enfatizam o impacto humano das decisões corporativas. O som ambiente, incluindo o leve zumbido do motor desligado, reforça a sensação de isolamento e vulnerabilidade, mostrando que o esporte não é apenas números e resultados, mas também experiências profundamente pessoais. Essa alternância entre o institucional e o

íntimo reafirma como a série insere o universo esportivo em uma narrativa midiática de alcance cultural e afetivo.

Albon é retratado não como vítima ou herói, mas como alguém em processo de aprendizado. Uma das últimas cenas mostra o piloto em plano longo, de perfil, com luz do entardecer entrando pela janela, captando um momento de introspecção e transição emocional. O plano longo, sem cortes, junto ao silêncio prolongado, convida o espectador a partilhar a contemplação do piloto, reforçando a humanização e a dimensão reflexiva do episódio. Essa construção evidencia, mais uma vez, os recursos audiovisuais que ampliam o envolvimento emocional, quanto ao indicar como o discurso visual de *Drive to Survive* redefine o olhar sobre o esporte e seus protagonistas.

A música contida, pontuada por notas de piano e cordas suaves, acompanha o ritmo interno dos personagens, enquanto o som ambiente substitui a trilha em diversos momentos, criando realismo. A alternância entre o cotidiano evidencia que o verdadeiro drama não está na pista, mas fora dela, nas pausas, nos corredores e nas decisões silenciosas que moldam a carreira dos pilotos. O motivo visual da bandeira quadriculada aparece repetidamente, culminando em *close* final desacelerado, com o som de aplausos. A bandeira deixa de ser apenas metáfora de vitória e passa a representar passagem, término de ciclo. A câmera distante e contemplativa na última cena, mostrando Albon caminhando sozinho pelo *paddock* vazio com a luz baixa, reforça essa sensação de transição, encerrando a temporada com foco na dimensão humana e emocional do piloto.

4.5. Análise temporada 3, episódio 6 “O Retorno”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Queda × Redenção
Recursos do audiovisual	<p>Luz fria e azulada nas cenas da Red Bull → reforça impessoalidade e rejeição.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Luz quente e natural na AlphaTauri → transmite acolhimento e recomeço. - Planos médios e closes sobre Gasly → captam vulnerabilidade e emoções contidas. - Movimentos de câmera fluidos e lentos na AlphaTauri → traduzem liberdade. - Cortes secos e som abafado durante a demissão → sublinham a frieza corporativa. - Montagem acelerada e trilha crescente na corrida de Monza → intensifica a catarse. - Plano em câmera lenta e som reduzido na linha de chegada → exalta o triunfo humano.
Temas e subtemas	<p>Tema central: Ressignificação do fracasso.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Superação individual; identidade profissional; afeto e pertencimento em contextos competitivos; contraste entre máquina e emoção humana.
Estratégias narrativas	<p>Arco heroico clássico (queda → reconstrução → redenção).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contraposição visual entre ambientes (Red Bull × AlphaTauri). - Uso do capacete como metáfora de identidade e transformação. - Narrativa rítmica: alternância entre introspecção e ação. - Humanização pela contenção emocional: ausência de melodrama, foco em gestos e silêncios.
Momentos marcantes	<ul style="list-style-type: none"> • [02:15] – Rebaixamento de Gasly na Red Bull: planos médios estáticos e luz azulada reforçam a impessoalidade e o sentimento de exclusão. • [06:40] – Gasly caminhando sozinho no

	<p>paddock: close prolongado e som ambiente reduzido transmitem solidão e introspecção.</p> <ul style="list-style-type: none"> • [12:10] – Primeiros dias na AlphaTauri: luz natural e planos abertos comunicam acolhimento e recomeço emocional. • [22:45] – Conversa com engenheiros antes de Monza: câmera em movimento suave e close-ups de olhares revelam confiança e foco. • [28:30] – Início do GP da Itália (Monza): ritmo de montagem acelerado, som crescente e planos embarcados criam tensão e envolvimento. • [31:00] – Safety car e tensão no pit stop: cortes rápidos entre garagem e cockpit reforçam o suspense e a imprevisibilidade. • [34:20] – Gasly cruza a linha de chegada: câmera lenta, silêncio momentâneo e foco em sua respiração — auge da humanização. • [35:50] – Comemoração da AlphaTauri: explosão sonora e planos curtos da equipe comunicam coletividade e catarse. • [37:40] – Reação fria de Horner em contraste com Gasly: montagem paralela evidencia o conflito entre emoção e hierarquia. • [39:15] – Plano final (Gasly em close com capacete): silêncio e luz suave encerram o arco narrativo com tom de introspecção e vitória pessoal.
--	--

O sexto episódio da terceira temporada de *Drive to Survive*, “O Retorno”, é um dos momentos mais emocionais de toda a série. Ele parte de um ponto de fragilidade, a queda de Pierre Gasly da equipe Red Bull, no meio da temporada de 2019, para construir uma narrativa de ressignificação e triunfo pessoal, culminando em sua vitória histórica no Grande Prêmio da Itália de 2020, em Monza. A força do episódio está na maneira como ele transforma o fracasso em narrativa, apresentando a dimensão humana de um piloto que precisou reconstruir sua identidade sob o olhar do mundo. Essa construção narrativa mostra como a estrutura narrativa e os elementos discursivos da série contribuem para transformar a percepção pública da Fórmula 1, deslocando o foco da técnica para a experiência emocional e tornando o esporte mais empático e atraente, sobretudo para públicos mais jovens.

Desde os minutos iniciais, a montagem articula uma dualidade entre dois mundos: o da Red Bull, com sua atmosfera hierárquica, e o da AlphaTauri, retratada como espaço de reinvenção. As imagens de arquivo do momento em que Gasly é rebaixado aparecem em

tonalidade fria, com iluminação azulada e cortes secos, transmitindo frieza e impessoalidade. As falas de Christian Horner e Helmut Marko são filmadas em planos médios estáticos, reforçando autoridade, enquanto o *close-up* em Gasly caminhando sozinho pelo *paddock*, com corpo curvado e olhar distante, aproxima o espectador de sua vulnerabilidade. O som de fundo reduzido a um leve zumbido enfatiza o silêncio carregado de humilhação, humanizando o piloto sem recorrer a dramatização exagerada. Essa abordagem audiovisual relaciona os recursos estéticos e audiovisuais empregados para gerar envolvimento emocional com o espectador, já que o enquadramento, a paleta de cores e o som reforçam o peso psicológico da rejeição.

A partir daí, o episódio assume a forma de reconstrução pessoal, com Gasly em busca de redenção dentro de um ambiente que o descartou. As cenas na sede da AlphaTauri, em Faenza, são filmadas com tonalidades quentes, luz natural e enquadramentos abertos, sugerindo leveza. A câmera acompanha Gasly interagindo com engenheiros e mecânicos, alternando entre planos médios e *closes* que capturam sorrisos e revisões de dados. Esses movimentos demonstram que, embora o piloto carregue pesos emocionais, ele encontra um ambiente onde pode respirar, humanizando a equipe e reforçando a empatia do espectador. O contraste entre a frieza da RedBull e a acolhida da AlphaTauri evidencia uma estratégia narrativa de oposição, identifica as estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos dentro da série.

A estrutura do episódio segue o modelo clássico do heroico, com três atos bem definidos: queda, resiliência e redenção. O primeiro ato trata da rejeição, apresentado com cortes secos, planos médios e *closes* de Gasly introspectivo; o segundo da reconstrução e das boas performances, com planos embarcados e acompanhamentos fluidos na pista; e o terceiro culmina na vitória em Monza, filmada como uma verdadeira vitória cinematográfica. A trilha sonora, crescente em intensidade, mistura-se aos sons reais da pista, tornando a audiovisual parte da narrativa de ressurreição.

O capacete de Gasly é mostrado repetidamente em *close-ups* e planos detalhe, nas mãos do piloto ou sobre o banco. A luz refletida no visor reforça a carga: início como responsabilidade, Monza como determinação e triunfo. A repetição imagética organiza a narrativa e cria continuidade emocional para o espectador. Essa atenção ao detalhe visual exemplifica o uso dos recursos estéticos como linguagem, um dos pontos centrais da presente

pesquisa, pois transforma objetos em extensões da subjetividade do personagem, reafirmando que a narrativa audiovisual da Fórmula 1 ultrapassa o tecnicismo do esporte.

O Grande Prêmio da Itália de 2020 é o coração narrativo do episódio. As tomadas amplas do circuito de Monza sob céu limpo contrastam com o caos de Hockenheim, apresentado em episódios anteriores. Planos embarcados dentro do *cockpit* aumentam a imersão, enquanto cortes para Verstappen e RedBull em ritmo frenético reforçam o contraste entre liberdade e obrigação. Quando o carro de Kevin Magnussen provoca o *safety car*, a montagem desacelera, o som é reduzido a um batimento grave e a narração dos engenheiros no rádio é sobreposta à trilha, aumentando a tensão. No *pit stop*, a câmera alterna entre planos gerais da garagem e close-ups de Gasly, conectando a performance técnica à emoção humana. Essa fusão entre ação e emoção materializa a cultura da convergência (JENKINS, 2009), ao unir o espetáculo esportivo com a estética cinematográfica, o que contribui para a expansão da Fórmula 1 como narrativa midiática híbrida.

A partir desse momento, a narrativa se transforma em tensão pura. a fusão do som dos motores com a trilha crescendo e a alternância entre planos da garagem, público e relógio das voltas finais gera suspense. O plano em câmera lenta de Gasly cruzando a linha de chegada isolado no quadro, apenas com seu fôlego audível, resume a realização do impossível. Logo após, a explosão sonora com gritos da equipe reforça o alívio emocional. O *close* no capacete, refletindo lágrimas, e a retirada do mesmo em plano fechado, conectam o triunfo individual à experiência coletiva da equipe. Esse revela como a série converte a corrida em uma narrativa de empatia e transformação, o que ressignifica o modo como o público percebe a Fórmula 1, tornando-a mais humana e emocionalmente acessível.

A montagem intercala, então, a reação fria de Horner em *close* médio, com imagens emocionadas da AlphaTauri, reforçando o conflito entre poder hierárquico e realização pessoal. A trilha sonora complementa a narrativa com notas graves e contidas durante Horner, acordes ascendentes durante Gasly nos ombros da equipe. Essa alternância entre controle e emoção exemplifica a articulação discursiva de forças opostas.

A humanização de Gasly é construída por gestos sutis, planos detalhados e ritmo narrativo contido, evitando exageros dramáticos. O episódio encerra com Gasly em entrevista, *close* com fundo desfocado, isolando suas expressões e reforçando a dimensão emocional e existencial da vitória. O som dos motores diminui até o silêncio completo, concluindo o

Episódios

episódio com sensação de introspecção e realização pessoal. O uso do silêncio final atua como metáfora para a pausa após o clímax, um momento de recolhimento que enfatiza a dimensão humana do protagonista.

4.6. Análise temporada 3, episódio 9 “Um Grave Acidente”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Vida × Morte
Recursos do audiovisual	<p><i>Trilha sonora grave e discreta no início → antecipa a tensão.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Planos gerais e closes alternados → mostram o contraste entre o cotidiano e a tragédia iminente. - Ausência de música no momento do impacto → realismo e choque sensorial. - Saturação em tons de vermelho e laranja → calor, perigo, e vida no limite. - Câmeras lentas e múltiplos ângulos do acidente → suspensão temporal e intensidade emocional. - Iluminação suave e fundo escuro nas entrevistas → ambiente confessional e íntimo. - Plano detalhe no halo → simbolismo técnico transformado em elemento de salvação. - Mudança de paleta (vermelho/laranja → azul/branco) → renascimento e recomeço. - Silêncio e fade out final → encerramento contemplativo e humano.
Temas e subtemas	<p>Tema central: A fragilidade da vida diante da velocidade e do risco.</p> <p>Subtemas: sobrevivência; ressignificação do trauma; vulnerabilidade; amor e família; coragem e solidariedade.</p>

Estratégias narrativas	<p>Estrutura de “colapso e renascimento” (queda → choque → reconstrução).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso de paralelismo entre cotidiano e catástrofe → contraste dramático. - Repetição de planos do impacto sob diferentes ângulos → efeito de memória e trauma. - Foco nas reações humanas (equipe, esposa, médicos) → descentralização do herói individual. - Simbolização técnica (halo como metáfora de vida). - Silêncio como recurso expressivo → substitui o discurso pela sensação.
Momentos marcantes	<ul style="list-style-type: none"> • [00:00 – 03:30] – Preparativos no paddock: mecânicos e pilotos em rotina tranquila; close em Grosjean sereno → prenúncio da tragédia. • [06:25] – Acidente de Grosjean: colisão mostrada em tempo real; som dos motores cessa abruptamente; tela dominada por fogo e silêncio → impacto visceral. • [07:00 – 09:10] – Repetições do acidente sob múltiplos ângulos: manipulação do tempo; câmera embarcada, aérea e fixa; intensifica a sensação de paralisia emocional. • [09:50] – Grosjean emerge das chamas: câmera lenta, plano médio; som abafado; corpo em movimento como símbolo de renascimento → ápice emocional do episódio. • [10:40 – 13:00] – Reações no pit wall e boxes: close-ups de rostos aflitos, choro e tensão; ausência de trilha reforça a realidade crua do momento. • [14:10 – 16:00] – Entrevista de Grosjean no pós-acidente: iluminação suave, plano fixo e fundo escuro → espaço íntimo que evidencia trauma e vulnerabilidade. • [17:30 – 20:00] – Resgate e depoimentos do Dr. Ian Roberts e Alan van der Merwe: planos médios e detalhes das mãos e gestos → humanização do ato técnico. • [21:40 – 23:00] – Enfoque no halo: close em detalhe metálico, voz em off destaca sua importância; símbolo da salvação tecnológica. • [25:30 – 27:10] – Marion Grosjean e a família: planos com luz natural e fotos do casal → dimensão afetiva do risco e do medo. • [30:00 – 32:40] – Grosjean retorna ao paddock: câmera em movimento lento, paleta azul e branca; trilha suave; transição do trauma para a aceitação. • [34:20 – 35:40] – Plano final: Grosjean de costas, observando o circuito ao entardecer; som ambiente e fade out silencioso → encerramento meditativo.

O nono episódio da terceira temporada de *Drive to Survive*, “Um Grave Acidente”, marca um dos momentos mais intensos e humanos de toda a série. Centrado no acidente de Romain Grosjean no Grande Prêmio do Bahrein de 2020, o episódio abandona a lógica competitiva da Fórmula 1 para se concentrar no que há de mais essencial e vulnerável, a fragilidade da vida em meio à velocidade. O foco narrativo desloca-se do espetáculo esportivo para a experiência humana, revelando as dimensões psicológicas e existenciais do piloto. Essa abordagem aproxima o espectador de um universo de emoções, medo e empatia, e, assim, tornando o esporte mais humano e significativo para as novas audiências.

Logo nos minutos iniciais, o episódio estabelece o tom de suspense e inquietação, montagem intercala imagens cotidianas do *paddock*, mecânicos ajustando carros e pilotos conversando, com breves closes em Grosjean, cuja expressão é quase indiferente. Essa aparente normalidade funciona como introdução trágica, preparando o terreno para o evento traumático. A trilha sonora discreta, com linha grave contínua, antecipa a tensão, enquanto planos gerais da pista e dos boxes inserem o espectador no contexto do esporte, reforçando o contraste entre rotina e ruptura. O uso do *close* e da alternância entre planos gerais e detalhados aproxima o público da fragilidade do piloto, gerando empatia por meio da linguagem audiovisual.

O momento do acidente é uma construção audiovisual de choque e suspensão temporal. A colisão é inicialmente mostrada em tempo real, com som ambiente e sem trilha sonora, apenas o ruído dos motores. Logo após o impacto, o som se interrompe, colocando um apito tenso, e o fogo ocupa a tela em planos fechados e saturados em tons de laranja e vermelho, criando um efeito quase representacional. Em seguida, o episódio recua no tempo, mostrando o mesmo instante sob diferentes ângulos: câmeras fixas, câmeras embarcadas e planos aéreos do circuito. Essa manipulação do tempo, expandindo segundos em minutos, transforma o acidente em uma experiência emocional, colocando o espectador dentro do acontecimento. Esse procedimento traduz, na prática, a função da narrativa documental contemporânea de *Drive to Survive*, a de converter o fato esportivo em experiência dramática.

Quando Grosjean sai das chamas, a câmera desacelera em plano médio e *close*, acompanhando seu corpo com luz reduzida. O silêncio absoluto, sem música nem gritos, amplifica a tensão e transforma a cena em um verdadeiro renascimento. A ausência de trilha sonora, contrastada com o som abafado do ambiente, cria um vazio sonoro que apresenta a fronteira entre vida e morte. O episódio evita dramatizações visuais excessivas, priorizando o

impacto humano e emocional. As reações da equipe nos boxes são captadas em planos médios e *close-ups*, mostrando desespero, lágrimas e tensão, enquanto o som ambiente enfatiza a realidade e a autenticidade do momento. Essa opção estética identifica as estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos, uma vez que o episódio transforma o piloto em metáfora da vulnerabilidade humana, e o acidente em Propulsor da empatia coletiva.

As entrevistas posteriores com Grosjean utilizam iluminação suave e fundo escuro, criando um espaço íntimo e confessional. A câmera fixa em *close* no rosto do piloto, sem cortes, permite que o silêncio entre as palavras carregue emoção e sentido. O espectador se aproxima da vulnerabilidade de Grosjean, percebendo o trauma não apenas físico, mas também psicológico. Esse tratamento discursivo traduz uma estética da interioridade, na qual o herói é desfeito e reconstruído pela experiência. Essa perspectiva reforça a evidência que *Drive to Survive* humaniza o esporte por meio da exploração do silêncio, da pausa e do olhar, recursos que substituem o espetáculo pela intimidade emocional.

A narrativa se desloca então para as equipes de resgate e médicas, destacando o heroísmo do Dr. Ian Roberts e do comissário Alan van der Merwe. As entrevistas intercaladas com imagens do resgate utilizam planos médios e *close-ups* detalhados das mãos e gestos, capturando precisão e coragem. A câmera enfatiza o halo (dispositivo de segurança obrigatório em carros de Fórmula 1 e outras categorias) do carro em plano detalhe, elevando-o de objeto técnico criticado a objeto de salvação. A repetição de planos do impacto reforça a função protetiva do halo, transformando visualmente um elemento de engenharia em narrativa de sobrevivência. Essa transfiguração demonstra como os elementos técnicos do esporte são ressignificados discursivamente pela série.

O episódio também dá espaço à dimensão emocional da família. Marion Grosjean (esposa de Grosjean) é filmada em enquadramento lateral e luz natural, com cortes que inserem fotos do casal e dos filhos, humanizando a experiência do medo. Essa alternância entre plano fechado, *close* e imagens de memória familiar aproxima o espectador da realidade emocional do piloto, mostrando que o risco não é apenas físico, mas também afetivo. A humanização aqui se dá pela inserção do cotidiano, uma estratégia narrativa que se repete ao longo de toda a série.

O episódio trabalha ainda recursos audiovisuais para expressar trauma e memória, em momentos de introspecção, a tela escurece parcialmente, focando apenas em partes do rosto de Grosjean — olhos, boca, cicatrizes — enquanto a trilha é quase inaudível. O efeito remete a

fragmentos de consciência sob choque, aproximando o documentário de uma estética psicológica. Essa construção visual de fragmentação emocional reflete a tensão entre o corpo mecânico e o corpo humano, tema central da narrativa de *Drive to Survive* e da própria pesquisa.

No segundo ato, após o resgate, a retomada de Grosjean à pista é filmada com planos médios e longos acompanhando seu caminhar pelo *paddock*, cumprimentando colegas e observando o carro. A trilha sonora calma e a mudança da paleta de cores — azul e branco substituindo vermelho e laranja, apresentando a transição do trauma à aceitação. A câmera lenta e o uso de luz natural reforçam a dimensão emocional e o amadurecimento do piloto, permitindo ao público perceber o processo de reconstrução pessoal.

A cena final apresenta Grosjean de costas, observando o circuito ao entardecer. A câmera permanece imóvel, em plano geral contemplativo, enquanto o som ambiente substitui a música. O *fade out* final e o silêncio completo evocam renascimento e encerramento da narrativa, deixando espaço para reflexão sobre fragilidade e humanidade. O piloto não voltou a correr na categoria, mas sempre acompanha de perto as corridas e é responsável por diversas entrevistas logo após as corridas. Grosjean ainda faz aparições em outros episódios da série, comentando sobre o esporte.

4.7. Análise temporada 4, episódio 9 “Prontos para a Briga”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Controle × Impulsividade
Recursos do audiovisual	<p><i>Planos-detelhe iniciais (00:00–02:30): closes nas expressões de Hamilton e Verstappen nos boxes — Hamilton em luz fria e enquadramento simétrico; Verstappen em luz quente e câmera de mão levemente tremida.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Câmera lenta e ruído distorcido nas colisões de Silverstone e Monza (08:00–10:30 e 19:00–20:40) — o som dos motores se dissolve em ruído grave, criando sensação de suspensão temporal e intensidade dramática. - Planos médios e close-ups dos chefes de equipe (Christian Horner e Toto Wolff) alternando entre câmera nervosa e estática, conforme o caráter de cada um. - Planos simétricos e estáticos na Mercedes (azul e cinza) × planos móveis e quentes na Red Bull (vermelho e laranja), reforçando o contraste de filosofias. - Trilha sonora variável: notas graves e ritmo acelerado nos momentos de corrida; silêncio e som ambiente (respiração, batimentos) em cenas de tensão pós-acidente (especialmente 10:30–12:00 e 22:10–23:00). - Entrevistas em close fixo, com foco nos rostos de Hamilton e Verstappen — explorando olhares, pausas e suor para expressar vulnerabilidade (25:00–28:00). - Câmera embarcada e cortes rápidos (32:00–37:00) na sequência final, intercalando planos da pista, boxes e rádio das equipes — intensificando a adrenalina e o conflito emocional.
Temas e subtemas	<p>Tema central: rivalidade e poder como motores da narrativa esportiva.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A pressão psicológica no esporte de elite. - A fronteira entre técnica e emoção. - A construção da identidade através do confronto. - A vulnerabilidade sob a aparência de controle.

Estratégias narrativas	<p>Montagem paralela entre Hamilton e Verstappen para construir oposição simbólica e rítmica.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção de suspense por repetição e desaceleração (especialmente nas cenas dos acidentes). - Entrevistas confessionais intercaladas a imagens de ação, criando contraste entre fala calma e memória intensa. - Ritmo narrativo ascendente: do controle introspectivo à explosão emocional nas últimas corridas. - Personificação das equipes: Mercedes como racionalidade; Red Bull como emoção, traduzidas visualmente pela cor, ritmo e enquadramento.
Momentos marcantes	<p>[00:45–02:30] — Abertura do episódio: alternância entre Hamilton e Verstappen nos boxes. O olhar focado de Hamilton em luz fria e o riso nervoso de Verstappen sob luz quente já introduzem a oposição central.</p> <ul style="list-style-type: none"> - [08:00–10:30] — Grande Prêmio de Silverstone: o acidente entre os dois mostrado em câmera lenta e com o som distorcido cria um momento de tensão máxima. O silêncio pós-impacto humaniza ambos, mostrando medo e choque. - [12:40–15:00] — Reação das equipes: close-ups de Horner gritando e Wolff gesticulando friamente no rádio — o contraste audiovisual reforça os arquétipos. - [19:00–20:40] — Grande Prêmio da Itália (Monza): colisão entre os dois carros; câmera lenta e foco no halo do carro de Hamilton como símbolo técnico e emocional da sobrevivência. - [25:00–28:00] — Entrevistas íntimas: Verstappen fala sobre pressão e risco; Hamilton reflete sobre legado e limites mentais. O silêncio e os planos fixos criam tom confessional. - [32:00–37:00] — Corrida final da temporada: montagem acelerada com cortes rápidos, câmeras embarcadas e trilha épica sincronizada ao som dos motores e batimentos cardíacos. A tensão é física e emocional. - [37:10–38:00] — Encerramento: close duplo dos dois cruzando a linha de chegada, seguido por fade out e silêncio — metáfora visual da exaustão e do respeito mútuo.

O nono episódio da quarta temporada de *Drive to Survive*, “Prontos para a Briga”, representa o auge dramático da rivalidade entre Max Verstappen e Lewis Hamilton, uma das disputas mais intensas da história recente da Fórmula 1. A série, já acostumada a lidar com tensões e conflitos entre equipes, transforma aqui a temporada de 2021 em uma narrativa de

Episódios

confronto entre dois heróis de naturezas opostas, movidos por forças distintas e igualmente humanas. O episódio articula essa rivalidade com uma linguagem audiovisual que converte cada corrida em um campo de batalha emocional e cada diálogo em uma guerra psicológica. Essa escolha narrativa e estética cumpre plenamente o problema de pesquisa, ao demonstrar como a estrutura narrativa e os elementos discursivos de *Drive to Survive* transformam a percepção pública da Fórmula 1, reposicionando o esporte não apenas como competição técnica, mas como drama humano carregado de emoção, vulnerabilidade e identificação.

Desde os minutos iniciais, o tom é de tensão crescente. A abertura alterna planos-detelhe de Hamilton e Verstappen nos boxes: Hamilton é mostrado em silêncio, focado, com iluminação fria e enquadramento estático e simétrico, transmitindo controle e racionalidade; Verstappen, por outro lado, aparece inquieto, gesticulando e rindo nervosamente, sob luz quente e movimentos de câmera mais livres, refletindo energia, impulso e vulnerabilidade emocional. O contraste visual e de movimentação de câmera cria, desde o início, uma oposição semântica entre experiência e juventude, cálculo e instinto, elementos que estruturam o conflito narrativo. Essa construção cumpre um dos objetivos específicos da pesquisa, ao identificar as estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos dentro da série, revelando como o audiovisual dá forma expressiva à rivalidade sem recorrer à espetacularização superficial.

O episódio contextualiza rapidamente o cenário: a disputa pelo título de 2021 chega ao ponto mais crítico. A narração e as falas de jornalistas destacam a proximidade na pontuação, reforçando a tensão. A série utiliza imagens de arquivo de corridas anteriores — como Silverstone e Monza — e planos de *replay* em câmera lenta, câmeras embarcadas e ângulos aéreos para reconstituir os incidentes polêmicos. No Grande Prêmio da Grã-Bretanha, o acidente entre Hamilton e Verstappen é mostrado em repetições sucessivas, com velocidade alterada, e o som dos motores se dissolve em ruído grave e distorcido. Essa manipulação sonora e visual transforma o impacto em um instante congelado de tensão, permitindo que o espectador sinta a apreensão dos pilotos. Tais recursos respondem ao objetivo específico de relacionar os recursos estéticos e audiovisuais empregados para gerar envolvimento emocional com o espectador, uma vez que o controle do ritmo e do som potencializa a imersão e o suspense.

Enquanto Verstappen caminha lentamente para fora do carro, abatido, a montagem corta para Christian Horner gesticulando furiosamente no *pit wall*, seguido por Toto Wolff comunicando-se de forma contida pelo rádio. A alternância entre planos médios das

equipes, *close-ups* dos rostos e movimentos de câmera mais nervosos cria um contraponto emocional e institucional: a explosão da Red Bull frente ao autocontrole da Mercedes. Esse contraste reforça a oposição entre o caos e o controle — um recurso narrativo que humaniza tanto os pilotos quanto os chefes de equipe, transformando-os em figuras que oscilam entre emoção e racionalidade.

A humanização dos pilotos surge justamente nas brechas dessa disputa. Verstappen, frequentemente retratado como impetuoso, aparece em *close-ups* e planos médios durante entrevistas íntimas, onde o olhar firme e direto é acentuado por uma iluminação que destaca o suor e a tensão. Hamilton, em contraste, é mostrado em planos próximos e simétricos, com gestos contidos, revelando cansaço, reflexão e vulnerabilidade. Essa alternância de enquadramentos constrói uma dialética psicológica, mostrando dois modos diferentes de enfrentar a pressão extrema. Essa abordagem cumpre o problema de pesquisa ao revelar como a série reconfigura o olhar do público sobre o herói esportivo, aproximando-o da dimensão humana e emocional, o que o torna mais identificável para o espectador contemporâneo.

Christian Horner e Toto Wolff são igualmente retratados com linguagens audiovisuais distintas: Horner em planos móveis, próximos, com câmera levemente tremida, transmitindo energia e agressividade; Wolff em enquadramentos estáticos e simétricos, enfatizando racionalidade e autocontrole. A alternância entre essas estéticas transforma os chefes de equipe em personagens com perfis distintos, humanizados em suas reações à pressão. Esses recursos visuais e discursivos exemplificam a articulação de discursos de poder e vulnerabilidade — atendendo ao objetivo específico de indicar como a série articula discursos que reconfiguram o modo como o esporte é percebido e consumido pelo público, ao mostrar que as decisões corporativas e as emoções humanas coexistem como parte do mesmo espetáculo.

Durante o Grande Prêmio da Itália, o segundo grande incidente da temporada, a colisão entre Verstappen e Hamilton na chicane é filmada em câmera lenta, com o som do impacto abafado, seguida por silêncio absoluto. O *halo* do carro de Hamilton é mostrado em plano detalhe, tornando-se um marco visual de sobrevivência técnica. O fogo e os destroços são capturados em *close*, e a trilha sonora é substituída por nota grave, reforçando tensão e heroísmo técnico. A manipulação de câmera e som enfatiza a vulnerabilidade física e a coragem de ambos os pilotos, tornando-os próximos do espectador. A dimensão humana do risco aqui é ressaltada

pela estética da desaceleração e do silêncio, elementos centrais na linguagem emocional da série.

Após os acidentes, Hamilton é mostrado em planos médios e *close-ups* contemplativos, admitindo fadiga mental, enquanto Verstappen surge em planos curtos e rápidos, discutindo seus próprios limites. A alternância visual e sonora evidencia diferentes respostas à pressão e cria empatia com ambos. A montagem aqui cumpre o papel de contraponto narrativo, mostrando que, mais do que opostos, os dois compartilham o mesmo fardo emocional do sucesso e da expectativa. Essa construção responde ao objetivo geral da monografia, ao analisar como os elementos narrativos e discursivos de *Drive to Survive* moldam a percepção da Fórmula 1 como produto cultural e midiático, em que o conflito humano é tão central quanto a competição esportiva.

As cenas da Mercedes predominam em tons metálicos e iluminação fria, evocando controle, precisão e racionalidade; na Red Bull, predominam cores quentes e iluminação amarelada, transmitindo energia e impulsividade. Nas reuniões da Red Bull, a câmera se move de forma próxima e nervosa; nas da Mercedes, permanece estável e distante. Essa dualidade estética traduz as filosofias opostas das equipes e contribui para a humanização da disputa, mostrando como o ambiente físico e a composição visual reforçam personalidades e valores distintos.

Nos momentos de confronto direto, a trilha sonora é intensa, com notas graves e ritmo acelerado. Já nos momentos de reflexão ou pós-acidente, a música cessa e o som ambiente, respiração, batimento cardíaco, motores ao fundo, predomina. O vazio acústico e a câmera lenta permitem que o espectador compartilhe a tensão vivida pelos pilotos, aproximando o público da experiência emocional do risco e da espera. Esse jogo sonoro atende ao objetivo específico de relacionar os recursos audiovisuais com o envolvimento emocional, pois a oscilação entre o ruído e o silêncio se converte em metáfora da luta interna dos protagonistas.

No terceiro ato, com a aproximação do final da temporada, a narrativa enfatiza resistência e exaustão emocional. Hamilton é mostrado meditando, sozinho no *motorhome*, enquanto Verstappen treina e interage com sua equipe. Os planos de perfil e os enquadramentos amplos e isolados evidenciam introspecção e força interior, humanizando suas respostas à pressão. Hamilton, antes visto como figura de perfeição, aparece em *close-ups* de olhar cansado, gestos repetitivos e pausas longas, revelando vulnerabilidade. Verstappen, por outro

lado, é humanizado pela impulsividade capturada em planos curtos e movimentos rápidos de câmera, mostrando energia e paixão. Essa contraposição confirma o problema de pesquisa, ao mostrar que a série transforma o binarismo técnico da competição em um espelho de experiências humanas universais.

Nos minutos finais, a montagem acelera, com cortes rápidos entre *close-ups*, câmeras embarcadas e planos gerais da pista, combinando som dos motores e trilha épica. A alternância cria tensão máxima até o episódio encerrar com um *close* nos dois pilotos cruzando a linha de chegada, acompanhado de batimentos cardíacos, encerrando a narrativa em tom visceral e fisiológico. Essa conclusão sintetiza os propósitos da pesquisa, ao demonstrar que *Drive to Survive* utiliza a narrativa audiovisual para converter a Fórmula 1 em uma experiência emocional total, na qual a rivalidade transcende a pista e se torna um discurso sobre resistência, vulnerabilidade e humanidade.

4.8. Análise temporada 4, episódio 10 “Corrida Difícil”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Racionalidade × Emoção
Recursos do audiovisual	<p>Planos médios e close-ups silenciosos (00:00–02:30): rostos concentrados nos boxes, mãos tremendo, olhares fixos. A câmera se move com travelling lento e panorâmicas suaves, transmitindo preparação ritualística.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Luz fria e simétrica sobre Hamilton × luz quente e câmera móvel sobre Verstappen (03:00–05:00), reforçando oposição emocional e psicológica. - Cortes rápidos e câmeras embarcadas durante a corrida (08:00–17:00): planos subjetivos mostram respiração, vibração do volante, e exaustão dos pilotos. - Câmera lenta e trilha suspensa no momento do safety car (29:10–31:00): tempo dilatado, sons abafados e close-ups extremos nos olhos dos pilotos, transformando a tensão mecânica em experiência humana. - Silêncio total após ultrapassagem final (34:50–35:30): ausência de som técnico para destacar reação emocional. - Planos fixos e travellings curtos nas reações pós-corrida (36:00–37:30): rostos, lágrimas, gestos contidos e olhares vazios. - Entrevistas pós-corrida (37:40–38:30): Hamilton em plano médio estático e luz natural difusa; Verstappen em close com fundo desfocado — iluminação e enquadramento usados para intensificar vulnerabilidade e humanidade.
Temas e subtemas	<p>Tema central: O custo emocional da grandeza.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A fronteira entre justiça e acaso. - A vulnerabilidade sob o heroísmo. - O peso psicológico da vitória e da derrota. - A solidão dos campeões.

Estratégias narrativas	<p>Construção de suspense linear, com ritmo que cresce da calma ritual à explosão final.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alternância simbólica de cores e luz (frio × quente) para representar personalidade e estado emocional. - Manipulação do tempo narrativo: desaceleração e silêncio durante o safety car criam suspensão emocional. - Montagem paralela das reações das equipes Mercedes e Red Bull, criando contraste humano e institucional. - Foco no pós-corrida (entrevistas e gestos) para concluir a história não com velocidade, mas com introspecção e humanidade.
Momentos marcantes	<p>[00:00–02:30] — Abertura silenciosa nos boxes: planos lentos e closes nos rostos de Hamilton e Verstappen; a tensão do pré-corrida é traduzida em respiração e gestos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - [08:00–17:00] — Corrida em andamento: câmera embarcada dentro dos cockpits; som dos motores e respiração acelerada criam imersão física no esforço dos pilotos. - [29:10–31:00] — Entrada do safety car: trilha se apaga, o som de respiração é isolado, close nos olhos dos pilotos — o tempo parece parar. - [34:30–35:30] — Ultrapassagem final: Verstappen passa Hamilton; trilha sobe e corta abruptamente para silêncio; o foco muda do carro para a reação humana (choro, descrença). - [36:00–37:30] — Reações após bandeira quadriculada: Hamilton imóvel, Wolff gritando ao rádio, Verstappen chorando com o pai; planos fixos e sobreposição de som revelam humanidade em ambos os lados. - [37:40–38:30] — Entrevistas finais: Hamilton diz “fiz tudo o que podia” — plano médio estático, luz difusa; Verstappen, emocionado, agradece à equipe em close — os dois retratados não como rivais, mas como homens exaustos diante do destino.

O episódio final da quarta temporada, “Corrida Difícil”, fecha o arco dramático da rivalidade entre Max Verstappen e Lewis Hamilton, centrando-se no Grande Prêmio de Abu

Dhabi de 2021, uma das corridas mais controversas da história da Fórmula 1. A série transforma o evento em um drama moral e psicológico, construído com precisão rítmica e emocional, utilizando plenamente os recursos audiovisuais. Ao fazer isso, o episódio exemplifica de maneira clara o problema de pesquisa desta monografia, ao mostrar como a estrutura narrativa e os elementos discursivos de *Drive to Survive* reconfiguram a percepção pública da Fórmula 1, aproximando o público da dimensão emocional e humana do esporte, especialmente para uma geração acostumada a experiências midiáticas imersivas e afetivas.

A abertura alterna planos médios e *close-ups* de preparação silenciosa nos boxes da Mercedes e da Red Bull, com movimentos de câmera suaves, panorâmicos e *travellings* lentos, enquanto uma trilha leve e tensa introduz o clima de encerramento. A câmera percorre os rostos concentrados dos engenheiros, mãos ajustando capacetes com precisão ansiosa, e olhares fixos de Hamilton e Verstappen em planos fechados com profundidade de campo reduzida, destacando concentração e expectativa. O silêncio e a composição visual compartilham com o espectador o peso daquele momento. Essa construção formal atende a um dos objetivos específicos do trabalho, relacionar os recursos estéticos e audiovisuais empregados para gerar envolvimento emocional com o espectador, pois a câmera e o som não apenas registram, mas recriam o estado psicológico dos protagonistas.

Durante a corrida, a narrativa adota ritmo acelerado e pulsante. Cortes rápidos, câmeras embarcadas e planos subjetivos dentro dos *cockpits* revelam a exaustão crescente dos pilotos. Hamilton é enquadrado em planos estáveis e iluminados com luz fria, transmitindo controle e serenidade; Verstappen surge em planos curtos, com câmera próxima e movimentos mais instáveis, reforçando inquietação e intensidade emocional. Essa diferença estética reforça a oposição semântica entre controle e instinto, experiência e impulso, racionalidade e emoção. Ao apresentar essas diferenças de forma sensorial, o episódio humaniza os pilotos, afastando-se da ideia tradicional da Fórmula 1 como mero espetáculo técnico. Essa escolha atende a outro objetivo específico: identificar estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos, evidenciando como a série transforma a disputa mecânica em um embate emocional.

O episódio atinge seu ponto máximo com o *safety car* final, quando a direção de prova autoriza a retomada da corrida e altera o destino do campeonato. A série desacelera o tempo: imagens em câmera lenta, respiração ampliada e *close-ups* intensos nos rostos dos pilotos transformam o momento em uma experiência mais psicológica que técnica. O espectador é

convidado a sentir a vulnerabilidade do instante, vivenciando o que Murray (2016) denomina “imersão empática”, na qual o audiovisual permite ao público experimentar emoções alheias como próprias. Esse recurso estético responde diretamente ao problema de pesquisa, ao mostrar como a narrativa e o discurso audiovisual contribuem para humanizar a Fórmula 1 e aproximar o espectador da tensão subjetiva do esporte.

Quando Verstappen ultrapassa Hamilton na última volta, a trilha sonora cresce abruptamente e é cortada por silêncio total. O som do motor desaparece, e o foco se desloca para as reações humanas: gritos, lágrimas, respirações rápidas e olhares perdidos. Câmeras fixas, *travellings* breves e *close-ups* capturam a exaustão física e emocional de pilotos e equipes, revelando a dimensão humana do evento. A alternância entre som e silêncio, movimento e pausa, exemplifica uma montagem rítmica que amplia o envolvimento afetivo do espectador, convertendo o acontecimento esportivo em experiência sensorial.

Após a bandeira quadriculada, a montagem desloca a atenção das máquinas para as pessoas. Hamilton aparece imóvel, olhando para o vazio, em plano médio lateral, enquanto Toto Wolff discute a decisão com a direção de prova em planos sobrepostos que contrapõem controle e frustração. Verstappen, cercado pela equipe, é mostrado em planos abertos e *close-ups* simultâneos, celebrando intensamente. A alternância entre alegria e silêncio, vitória e resignação, transforma o desfecho em uma reflexão sobre destino, justiça e vulnerabilidade — temas que ultrapassam a esfera esportiva. Esse caráter expressivo da narrativa cumpre outro objetivo específico da monografia, ao indicar como a série articula discursos que reconfiguram o modo como o esporte é percebido e consumido, substituindo a imagem de perfeição técnica por uma leitura centrada na humanidade e nos limites emocionais.

Nas entrevistas finais, Hamilton fala com calma, em plano médio, luz natural difusa e enquadramento estático, afirmando que “fiz tudo o que podia”. Verstappen, emocionado, aparece em *close-up* com fundo desfocado, agradecendo à equipe e mencionando seu pai, conectando a vitória a uma trajetória pessoal de sacrifício. A luz suave, o ritmo pausado e os planos estáveis intensificam a vulnerabilidade e a empatia do espectador, encerrando a temporada em tom introspectivo. Aqui, o discurso da série aproxima-se da noção de *storytelling* afetivo (NÚÑEZ, 2008), em que o significado emocional supera o resultado competitivo — conceito que reforça o objetivo geral desta monografia: analisar como *Drive to Survive* transforma a Fórmula 1 em produto cultural e midiático de alta densidade afetiva.

Em síntese, “Corrida Difícil” conclui o arco narrativo com precisão e profundidade expressiva. A série utiliza contrastes visuais, pausas sonoras, alternância de planos e movimentos de câmera para transformar a corrida em espetáculo humano, no qual vitória e derrota se equilibram enquanto experiências emocionais. A ultrapassagem de Verstappen e a resignação de Hamilton dizem menos sobre pontuação e mais sobre o custo psicológico da grandeza. Assim, o episódio reafirma a essência da série, e desta pesquisa: em *Drive to Survive*, o espetáculo da velocidade torna-se uma narrativa centrada na humanidade, vulnerabilidade e resiliência.

4.9. Análise temporada 5, episódio 3 “Chefe de Equipe”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Autoridade × Vulnerabilidade
Recursos do audiovisual	<p><i>Abertura (00:00–03:00): planos médios e closes longos de Steiner deixando o paddock; travellings lentos e som ambiente destacado (passos, portas, motores desligados) — cria sensação de vazio e fim de ciclo.</i></p> <p><i>- Entrada de Komatsu (03:10–07:00): planos abertos, luz natural e trilha ascendente; entrevistas com foco em rosto (plano médio, fundo desfocado), reforçando concentração e tensão.</i></p> <p><i>- Contraponto visual: Steiner em close-ups gesticulando e sorrindo × Komatsu em planos estáticos e silenciosos — linguagem corporal como marca de liderança.</i></p> <p><i>- Chegada de Briatore (10:00–12:30): trilha de jazz, travellings circulares, plongées e contraplansos — atmosfera performática e carismática.</i></p> <p><i>- Planos paralelos Alpine × Haas (15:00–22:00): alternância de câmeras estáveis e móveis; luz fria na Haas, cores saturadas e iluminação intensa na Alpine, reforçando contraste.</i></p> <p><i>- Silêncios e pausas (22:30–26:00): planos longos de Komatsu observando gráficos, sem diálogo, apenas ruído ambiente — visualiza a solidão do comando.</i></p> <p><i>- Clímax visual (29:00–33:00): primeira corrida sob gestão de Komatsu — closes em rostos, slow motion de abraços e olhares — emoção contida e vitória íntima.</i></p> <p><i>- Encerramento (34:00–35:30): Briatore sorrindo em plano aberto e luz intensa × Komatsu exausto em close com fade out lento — contraste entre triunfo público e esforço silencioso.</i></p>

Temas e subtemas	<p>Tema central: A solidão do poder e a responsabilidade emocional da liderança.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Transição geracional entre estilos de comando. - O desgaste psicológico da tomada de decisão. - A tensão entre imagem pública e vulnerabilidade privada. - O papel do chefe de equipe como figura humana, não apenas institucional.
Estratégias narrativas	<p>Alternância de perspectivas entre três figuras (Steiner, Komatsu e Briatore), criando um arco de passado, presente e futuro da liderança na F1.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contrastes de linguagem visual (câmera estática × dinâmica; luz fria × saturada) para traduzir estilos de comando. - Montagem pendular entre Haas (introspecção) e Alpine (espetáculo) como metáfora da diversidade emocional na gestão. - Silêncio como recurso dramático: pausas e ruídos cotidianos substituem narração, revelando interioridade. - Encadeamento: gestos e olhares substituem palavras — poder como expressão corporal e emocional.

Momentos marcantes	<p>[00:00–03:00] — Saída de Steiner da Haas: close lento, som ambiente de passos e motores, expressão séria; comunica o fim de uma era com lirismo contido.</p> <p>- [03:10–07:00] — Apresentação de Ayao Komatsu: planos abertos e luz clara; expressão concentrada; o novo chefe é mostrado como herdeiro técnico e emocional.</p> <p>- [10:00–12:30] — Retorno de Briatore: trilha jazzística, flashes e enquadramentos teatrais; sua figura domina o ambiente e contrasta com a serenidade de Komatsu.</p> <p>- [15:00–22:00] — Montagem paralela Haas × Alpine: luz fria e planos lentos na Haas versus saturação e dinamismo na Alpine; representação visual das duas culturas.</p> <p>- [22:30–26:00] — Komatsu em silêncio no escritório: close em gráficos, mãos e olhares; som ambiente enfatiza tensão interna — o peso da liderança.</p> <p>- [29:00–33:00] — Primeira corrida sob Komatsu: emoção contida, câmeras lentas e trilha suave; vitória simbólica pela resistência da equipe.</p> <p>- [34:00–35:30] — Encerramento visual: Briatore sorrindo sob luz intensa × Komatsu exausto em fade out; contraponto entre vaidade e responsabilidade.</p>

O episódio “Chefe de Equipe” marca um dos momentos mais reflexivos e discursivamente sofisticados da quinta temporada de *Drive to Survive*. Diferente do foco habitual em pilotos e disputas de pista, a narrativa se volta para os bastidores da liderança, oferecendo um retrato íntimo dos gestores que moldam o destino das equipes. Centrado em Guenther Steiner (Haas), Ayao Komatsu (seu sucessor) e Flavio Briatore (Alpine), o episódio explora as tensões entre tradição e renovação, autoridade e vulnerabilidade, técnica e emoção, temas.

Desde a abertura, o tom é de transição e incerteza. A montagem alterna planos médios e *close-ups* longos de Steiner deixando o *paddock*, com *travellings* lentos e panorâmicos, enquanto o som ambiente — passos, motores desligados, vozes distantes — é amplificado, criando sensação de vazio deixada pela saída de uma figura carismática. A câmera foca nos gestos mínimos do ex-chefe da Haas. O silêncio, aliado à composição visual, comunica a

solidão do comando e a efemeridade do poder, humanizando a figura da liderança, antes associada apenas à autoridade. Nesse ponto analisa como a série constrói discursos que aproximam o espectador da dimensão emocional do esporte, subvertendo a lógica técnica e hierárquica que costuma gerar a Fórmula 1.

A entrada de Aya Komatsu é mostrada com estética oposta, planos mais abertos, iluminação clara e movimentos de câmera estáveis, acompanhados por uma trilha de notas ascendentes, indicam promessa e recomeço. Nas entrevistas, Komatsu é filmado em plano médio, com profundidade de campo reduzida, destacando seu rosto e expressão concentrada, transmitindo determinação, mas também tensão. Sua fala, intercalada com imagens de engenheiros preocupados e gráficos de resultados insatisfatórios, reforça visualmente o desafio de assumir uma estrutura fragilizada. Essa construção visual revela uma estratégia narrativa voltada para a construção de personagem e conflito, identificar as estratégias narrativas utilizadas na construção de personagens e conflitos dentro da série.

A série contrapõe Komatsu e Steiner como dois modelos de liderança e, simultaneamente, de humanidade. Os *close-ups* de Steiner sorrindo ou gesticulando de maneira expansiva são contrapostos a planos estáticos de Komatsu em silêncio, evidenciando a diferença entre experiência e introspecção, emoção e método. Esse contraste não é apenas estilístico, mas discursivo, *Drive to Survive* propõe uma reflexão sobre o peso da responsabilidade e sobre o impacto psicológico do poder, transformando a liderança em um microcosmo das pressões humanas que permeiam o esporte. Assim, a série expande o espectro narrativo da Fórmula 1, aproximando o público do cotidiano emocional e das decisões que ocorrem fora da pista.

O episódio apresenta o retorno de Flavio Briatore ao *paddock*, agora vinculado à Alpine. A trilha sonora muda radicalmente, o jazz, as luzes fortes e os *flashes* criam uma atmosfera performática. *Plongées* e contraplansos destacam sua autoconfiança e reputação, quase teatral, enquanto a câmera acompanha Briatore em *travellings* circulares, enfatizando seu domínio sobre o espaço e a narrativa. O enquadramento performático transforma o gestor em personagem midiático, expondo a interseção entre esporte, espetáculo e comunicação evidencia o papel de *Drive to Survive* como produto cultural que estetiza o poder e o transforma em narrativa.

Enquanto isso, Oliver Oakes, agora chefe da Alpine, é mostrado em planos médios e fechados, observando Briatore com cautela e admiração. A montagem intercala os dois em uma clara oposição semântica entre a velha guarda e a nova geração, estabilidade e renovação, autoridade e aprendizado. Essa alternância de planos reforça visualmente o embate entre dois

modos de gestão e, ao mesmo tempo, reflete o próprio movimento discursivo da série, que transforma o esporte em metáfora social e cultural.

A estrutura narrativa do episódio segue um ritmo oscilante, alternando o pragmatismo silencioso da Haas com o espetáculo midiático da Alpine. Enquanto Komatsu enfrenta decisões técnicas sobre estratégia e orçamento, Oakes lida com a sombra de Briatore e a pressão corporativa. O uso contrastante de planos abertos e fechados, movimentos de câmera lentos versus dinâmicos, cria ritmo e tensão emocional, reforçando que o papel do chefe é administrar expectativas humanas sob pressão extrema, mais do que coordenar máquinas.

A fotografia reforça esses contrastes com precisão simbólica: a Haas é filmada em tons de cinza e azul frio, transmitindo disciplina e introspecção; a Alpine, em cores saturadas e luz intensa, demonstrando vaidade. A paleta de cores atua como discurso visual, revelando modos distintos de sentir e representar o poder. Assim, *Drive to Survive* se insere na lógica da cultura da convergência (JENKINS, 2009), em que a estética visual se torna também forma de discurso, traduzindo emoções, valores e ideologias.

Momentos de Komatsu observando gráficos ou Briatore caminhando sozinho após reuniões, filmados em planos longos com movimento mínimo, enfatizam o lado íntimo de figuras públicas. Esses elementos expressam vulnerabilidade e dúvida de maneira audiovisual, construindo a humanização da liderança e reforçando que o poder, no contexto da Fórmula 1, é também uma narrativa emocional.

A narrativa insere discretamente referências a tensões e escândalos, como as acusações envolvendo Horner e a saída de Hamilton da Mercedes, por meio de planos rápidos de documentos, telefones e gráficos. Esses elementos situam os chefes de equipe em uma rede de pressões políticas, sem desviar o foco principal, a dimensão humana por trás do comando.

Nos minutos finais, Komatsu é mostrado refletindo sobre sua primeira corrida sob nova gestão. *Close-ups* em rostos suados, planos médios de abraços e olhares de alívio, acompanhados por trilha suave e *fade out* lento, sugerem que, na Fórmula 1, a vitória do gestor é mais sobre manter a equipe de pé do que conquistar pódios. Em contraste, Briatore é mostrado sorrindo nos boxes, em plano aberto e luz intensa, observando a Alpine pontuar, em um gesto de autocelebração. A justaposição das imagens de Komatsu exausto e Briatore satisfeito sintetiza o tema do episódio, liderar é tanto um ato técnico quanto um exercício de sobrevivência emocional.

Dessa forma, “Chefe de Equipe” amplia a proposta narrativa e discursiva de *Drive to Survive*, mostrando que a Fórmula 1 é também um espaço de poder, vulnerabilidade. O episódio

exemplifica como o documentário transforma a linguagem do esporte em linguagem cultural, ao revelar que, por trás da velocidade, há sempre uma trama de emoções, falhas e reconstruções — aquilo que, afinal, aproxima o público do humano por trás da máquina.

4.10. Análise temporada 6, episódio 2 “Sob Pressão”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Esperança × Frustração
Recursos do audiovisual	<p><i>Abertura (00:00–02:30): planos amplos do carro sob luz artificial, trilha lenta e contida, travellings suaves; cria contraste entre espetáculo e fragilidade — prenúncio da decepção.</i></p> <p><i>- Falhas técnicas (02:30–05:00): cortes rápidos e som abafado de motores falhando; boxes silenciosos; jump cuts que sugerem colapso.</i></p> <p><i>- Foco em Lando Norris (05:10–10:30): close-ups prolongados no rosto, planos médios caminhando sozinho pelos boxes; silêncio e pausas que traduzem isolamento e irritação contida.</i></p> <p><i>- Entrevistas (11:00–13:00): enquadramentos estáticos, luz fria (tons azul e cinza), frases curtas e defensivas — traduzem desconforto e autocensura emocional.</i></p> <p><i>- Contraste narrativo (13:30–16:00): montagem irônica — declarações otimistas do marketing intercaladas com mecânicos desmontando o carro.</i></p> <p><i>- Reuniões internas (16:00–19:00): planos fechados, baixa saturação, sons metálicos e eco ambiente; sensação de ambiente claustrofóbico e distanciado.</i></p> <p><i>- Cenas de corrida (20:00–25:00): cortes secos, som agudo de motores, ausência de trilha em momentos de tensão; reforçam o conflito entre expectativa e resultado.</i></p> <p><i>- Mudança de tom (26:00–30:00): cores mais quentes, luz mais intensa e trilha com notas ascendentes — indicam esperança parcial, sem catarse completa.</i></p> <p><i>- Encerramento (31:00–33:00): close prolongado no olhar de Norris, som distante de motores e fade para o laranja da McLaren — visualiza o ciclo interminável da pressão.</i></p>

Temas e subtemas	<p>Tema central: A persistência da pressão como estado natural da Fórmula 1.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A solidão do piloto diante da falha coletiva. - A discrepância entre discurso corporativo e realidade técnica. - A psicologia da performance sob expectativas inatingíveis. - O tempo como inimigo emocional (melhorar sem nunca chegar lá).
Estratégias narrativas	<p>Foco psicológico individualizado: Lando Norris é o eixo emocional — o episódio usa sua expressão facial como narrador silencioso.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ironia visual e sonora: otimismo verbal sobreposto a imagens de fracasso — desmonta o discurso institucional. - Uso de ritmo: alternância entre cortes rápidos (falhas) e planos longos (reflexão) para materializar a oscilação entre caos e espera. - Metáforas visuais recorrentes: chuva, reflexos, luz artificial — representações simbólicas de instabilidade e autocontrole forçado. - Estrutura circular: começa e termina com o carro sob luz artificial — promessa e frustração formam um ciclo contínuo.

Momentos marcantes	<p>[00:00–02:30] — Revelação do novo carro: luzes artificiais e trilha melancólica; ironia visual do glamour sobre o fracasso técnico.</p> <p>- [02:30–05:00] — Falhas mecânicas iniciais: cortes secos e planos fragmentados; sensação de colapso e caos silencioso.</p> <p>- [05:10–07:30] — Norris isolado nos boxes: câmera o acompanha caminhando sozinho, plano médio, olhar fixo; atmosfera de frustração e cansaço psicológico.</p> <p>- [11:00–13:00] — Entrevista tensa: fala contida de Norris; enquadramento estático e luz fria enfatizam desconforto emocional.</p> <p>- [13:30–16:00] — Montagem irônica: discurso otimista do marketing × mecânicos desmontando o carro; contraste sonoro.</p> <p>- [20:00–25:00] — Sequência de corrida: cortes rápidos e ruídos agudos; energia caótica que reforça o tema da impotência técnica.</p> <p>- [26:00–30:00] — Pequenos avanços: trilha mais leve e cores aquecidas; esperança tímida e sem clímax.</p> <p>- [31:00–33:00] — Encerramento: close final em Norris, som distante de motores, fade laranja; visualiza a continuidade da pressão — não há vitória, apenas resistência.</p>
--------------------	--

O episódio “Sob Pressão” retoma um dos fios narrativos mais recorrentes de *Drive to Survive*: a luta de uma equipe tradicional para reencontrar sua relevância em meio às transformações técnicas, emocionais e midiáticas da Fórmula 1. Aqui, a McLaren ocupa o centro de um drama tanto técnico quanto psicológico, marcado por um início de temporada desastroso e pela crescente frustração de Lando Norris, que surge como o núcleo humano da narrativa. A história transforma o fracasso esportivo em reflexão sobre vulnerabilidade, persistência e identidade, temas investigam como os elementos narrativos e discursivos da série contribuem para transformar a percepção pública da Fórmula 1, aproximando o espectador de dimensões humanas que transcendem a velocidade e a técnica.

Desde os primeiros segundos, a montagem estabelece um tom introspectivo, o episódio se inicia com planos amplos do novo carro sendo revelado sob luzes artificiais, enquanto a trilha sonora adota acordes lentos e contidos, criando uma ironia diante das falhas que se seguirão. O contraste entre luz artificial e sombra, aliado a *travellings* lentos e panorâmicos, reforça a

sensação de expectativa e fragilidade, antecipando o colapso narrativo. Esse início atua como recurso discursivo que problematiza a própria noção de espetáculo esportivo, transformando a promessa de glória em metáfora da vulnerabilidade técnica e emocional que permeia o ambiente competitivo da Fórmula 1.

Logo após a apresentação, cortes rápidos alternam planos de falhas mecânicas, boxes silenciosos e engenheiros tristes. A edição fragmentada transmite sensação de colapso iminente, funcionando como o contraste entre promessa e realidade, otimismo e fracasso. Essa alternância rítmica é uma das estratégias narrativas mais eficazes da série, constrói personagens e conflitos através da manipulação audiovisual, dando ritmo e densidade emocional à experiência esportiva.

A narrativa coloca Lando Norris como espelho da equipe, em uma construção que reflete tanto o esforço técnico quanto a pressão emocional da McLaren. *Close-ups* prolongados em seu semblante, enquadramentos em plano médio enquanto caminha pelos boxes ou observa o carro, captam a irritação e a tensão psicológica que o acompanham. Em entrevistas, suas frases breves e defensivas, “estamos tentando”, “há muito trabalho pela frente”, são filtradas por cortes secos e breves silêncios que reforçam o isolamento e a introspecção. Essa abordagem humaniza o piloto ao revelar que, por trás da imagem de ídolo midiático, há um jovem em permanente negociação entre expectativas externas e frustrações internas. A alternância de planos entre o piloto solitário e a equipe técnica ocupada amplia a sensação de desconexão e solidão, articulando uma das marcas estéticas centrais da série, a tensão entre o coletivo corporativo e o indivíduo vulnerável.

Do ponto de vista audiovisual, *Drive to Survive* intensifica essa leitura emocional por meio de escolhas precisas. O uso de câmera lenta nas falhas do carro acentua o contraste entre o ideal de velocidade e a impotência técnica, enquanto a trilha sonora, marcada por notas graves e longas pausas, traduz a estagnação e o peso psicológico do momento. As reuniões internas são filmadas em planos fechados, com predominância de tons frios — azuis, cinzas e brancos — comunicando distanciamento emocional entre engenheiros e piloto. Já as cenas de corrida são marcadas por cortes secos, ruídos agudos de motor e movimentos bruscos de câmera, convertendo o ruído técnico em signo de tensão narrativa. Dessa forma, a série cria uma experiência sensorial que traduz visual e sonoramente o estado emocional dos personagens, relacionando recursos estéticos e audiovisuais empregados para gerar envolvimento emocional com o espectador.

O episódio também utiliza a ironia como mecanismo discursivo, enquanto o departamento de marketing da McLaren exibe otimismo em entrevistas institucionais, a montagem intercala imagens de mecânicos desmontando o carro após mais uma falha. O contraste entre discurso e imagem revela a dissonância entre a narrativa oficial e a realidade vivida, um elemento central na construção crítica de *Drive to Survive*, que frequentemente expõe as contradições entre o espetáculo midiático e o drama humano. Essa estratégia de montagem permite compreender como a série articula discursos que reconfiguram o modo como o esporte é consumido. Ao evidenciar a tensão entre performance e falibilidade, o episódio contribui para desmitificar o ideal de perfeição técnica associado à Fórmula 1, aproximando o público de um olhar mais empático e realista sobre o esporte.

A alternância entre planos do piloto e da equipe técnica amplia a percepção de isolamento emocional. Norris é mostrado frequentemente sozinho, olhando para o carro ou segurando o capacete nas mãos, gestos simples, mas carregados. O capacete, nesse contexto, funciona como extensão do corpo e metáfora da resistência, instrumento de proteção que, ao mesmo tempo, isola e silencia. Essa construção imagética reforça a metáfora central do episódio, a pressão constante e invisível que estrutura a vida dentro da Fórmula 1, em consonância com o tema recorrente da série de que o verdadeiro desafio não está na corrida, mas na sobrevivência emocional.

Ao longo do episódio, há uma progressiva mudança de ritmo e tom, à medida que a McLaren identifica pequenas melhorias, a trilha sonora ganha leveza, os planos tornam-se mais iluminados e as cores aquecem sutilmente, sugerindo esperança. Ainda assim, a narrativa evita qualquer sensação de redenção completa, mantendo o foco na reconstrução gradual e na frustração persistente. A última sequência mostra Norris após uma corrida frustrante, ainda pontuando, mas insatisfeito. Planos médios e *close-ups* em seu rosto, combinados à voz em *off* (“Na F1, até quando você melhora, não é o suficiente”), concentram o sentido do episódio, a constante sensação de insuficiência que define a experiência do alto rendimento.

Visualmente, o episódio faz uso de metáforas sutis, chuva fina caindo sobre os boxes, mecânicos limpando o carro em silêncio, reflexos distorcidos no capacete. Esses elementos visuais transformam o cenário técnico em espaço, em que cada gesto cotidiano ganha densidade emocional.

O episódio termina sem resolução, com *close* prolongado no olhar do piloto, som distante de motores ao fundo e *fade* para o laranja vibrante da equipe, cor que se torna signo visual de continuidade e resistência. A mensagem final é clara, a pressão na Fórmula 1 nunca

termina, apenas muda de forma. Nessa ambiguidade, o documentário reafirma sua força narrativa e emocional, transformando o fracasso em reflexão e a técnica em linguagem sensível.

4.11. Análise temporada 7, episódio 5 “A maldição de Leclerc”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Expectativa × Realidade
Recursos do audiovisual	<p><i>Abertura (00:00–02:30) — Planos aéreos de Monte Carlo, iates e ruas estreitas, com trilha de piano lenta e tensa. Movimento de câmera suave e ritmo pausado, contrastando luxo e ansiedade.</i></p> <p>- <i>Contextualização (02:30–04:00) — Narração sobre a “maldição” de Leclerc; sobreposição de imagens de arquivo (acidentes e abandonos) em flashbacks com transições suaves, criando “memória traumática audiovisual”.</i></p> <p>- <i>Entrevistas (05:00–07:00) — Close-ups estáticos do rosto de Leclerc, iluminação fria e olhar baixo; pausas e silêncios constroem vulnerabilidade emocional.</i></p> <p>- <i>Atividade técnica (07:00–10:00) — Câmera de ombro, cortes rápidos e sons metálicos; ritmo intenso e som de rádio amplificado, traduzindo pressão da equipe.</i></p> <p>- <i>Momentos de introspecção (10:00–13:00) — Leclerc andando sozinho pelo porto, som ambiente (mar, vento) e ausência de trilha; foco na linguagem corporal como expressão emocional.</i></p> <p>- <i>Treinos e cockpit (13:00–17:00) — Uso de câmera subjetiva; som abafado do motor e respiração ampliada; sensação claustrofóbica que aproxima espectador do estado psicológico do piloto.</i></p> <p>- <i>Esperança interrompida (17:30–19:30) — Leclerc lidera o treino; trilha ascendente e ritmo acelerado substituídos por silêncio abrupto após o erro. Uso de câmera lenta e ausência de som enfatizam a quebra emocional.</i></p> <p>- <i>Frustração e pausa (20:00–22:00) — Planos médios estáticos do piloto tirando o capacete; tempo dilatado e foco no olhar; silêncio como forma de dor.</i></p> <p>- <i>Encerramento (25:00–27:00) — Cena noturna com Leclerc caminhando sozinho; som do mar e piano suave; iluminação amarelada e difusa, tom contemplativo e poético.</i></p>

Temas e subtemas	<p>Tema central: O peso psicológico do destino e da expectativa.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O fracasso como parte da identidade de um herói. - O contraste entre aparência pública e realidade íntima. - A relação simbiótica entre piloto e cidade. - A impossibilidade de controle sobre o acaso técnico e emocional. - O mito da superação substituído pela aceitação da vulnerabilidade.
Estratégias narrativas	<p>Construção do mito pela fragilidade: o episódio inverte o arquétipo do herói vitorioso, transformando Leclerc em herói trágico.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso de flashbacks como trauma: as memórias audiovisuais funcionam como repetição de um destino inevitável. - Alternância entre eixos técnico e emocional: o ritmo das corridas contrasta com a quietude dos momentos de solidão. - Silêncio como linguagem: pausas longas e ausência de som em momentos-chave intensificam o drama psicológico. - Simbolismo visual constante: o mar (profundidade emocional), o vermelho da Ferrari (paixão e pressão), e a noite (introspecção). - Fechamento poético: a narração final e a caminhada solitária deslocam o episódio do realismo esportivo para o drama existencial.

Momentos marcantes	<p>00:00–02:30] — Abertura aérea de Mônaco: piano tenso, imagens luxuosas em contraste com o tom melancólico.</p> <p>- [02:30–04:00] — Narração sobre a maldição: introduz o conflito interno; flashbacks de falhas anteriores criam elo entre passado e presente.</p> <p>- [05:00–07:00] — Entrevista silenciosa: close no rosto de Leclerc; silêncio expressivo e olhar distante.</p> <p>- [10:00–13:00] — Leclerc no porto: caminhada solitária e som ambiente do mar; visualiza introspecção e ansiedade.</p> <p>- [13:00–17:00] — Treinos e cockpit: som abafado, câmera subjetiva; tensão claustrofóbica e foco na respiração.</p> <p>- [17:30–19:30] — Erro decisivo: câmera lenta e silêncio absoluto após falha; auge emocional e sensação de impotência.</p> <p>- [20:00–22:00] — Retirada do capacete: gesto prolongado e estático; simboliza rendição e introspecção.</p> <p>- [25:00–27:00] — Cena final: Leclerc caminha sozinho à noite, som do mar e narração poética — “até os heróis sangram”; encerramento humanista e melancólico.</p>
--------------------	--

O episódio “A Maldição de Leclerc, é um dos momentos de maior carga emocional da sétima temporada de *Drive to Survive*. Ao transformar o tradicional Grande Prêmio de Mônaco, marcado por glamour e status, em cenário de angústia e introspecção, o episódio rompe com o imaginário glorificado da Fórmula 1 e oferece uma leitura humanizada do herói. Assim, materializa o problema central desta pesquisa ao mostrar como a série utiliza recursos narrativos para alterar a percepção pública do esporte, deslocando o foco da técnica para a experiência emocional e simbólica do piloto.

A narrativa acompanha Charles Leclerc, piloto da Ferrari e representante monegasco, que convive com o peso de correr em casa e com a frustração de nunca ter vencido no circuito. A série estrutura o episódio como uma história trágica, em que o herói parece preso a uma “maldição”, metáfora recorrente entre jornalistas, que sintetiza o ciclo de esperança e queda

vivido pelo piloto. O episódio articula, assim, dois eixos discursivos: o da máquina e o do homem, o da glória e o da dor íntima.

A abertura reforça esse contraste., imagens aéreas de Monte Carlo — iates, fachadas luxuosas, ruas estreitas — são acompanhadas por uma trilha em notas tensas de piano. Enquanto o brilho visual destaca o glamour da cidade, a música introduz a vulnerabilidade emocional do personagem. O narrador aponta: “Para Charles Leclerc, Mônaco é mais do que uma corrida, é uma maldição que ele precisa quebrar”, frase que funciona como guia da narrativa.

A montagem alterna entrevistas recentes de Leclerc, mostradas em *close-ups* silenciosos e iluminação fria, com *flashbacks* de temporadas anteriores, evidenciando abandonos e falhas mecânicas. Esse uso de arquivo cria uma espécie de “memória traumática audiovisual”, reforçando a ideia de repetição que sustenta a metáfora da maldição.

O primeiro eixo narrativo, o técnico, é marcado por cortes rápidos, sons metálicos e tensão constante. A câmera alterna entre planos gerais da pista e *close-ups* em instrumentos e mãos de engenheiros, destacando precisão, responsabilidade coletiva e fragilidade técnica. A paleta em tons de vermelho e prata reforça a identidade da Ferrari e o peso histórico que acompanha a equipe.

O segundo eixo, o emocional, foca o cotidiano introspectivo de Leclerc. Ele aparece caminhando sozinho, observando o mar ou sentado em silêncio. Aqui, a linguagem corporal assume papel principal, enquanto a ausência de diálogo cria um espaço de contemplação. Esse recurso, comum na série, transforma o silêncio em elo afetivo entre personagem e espectador.

Nos treinos classificatórios, a série adota uma estética de imersão subjetiva: câmeras embarcadas, som abafado do motor e respiração ampliada colocam o público dentro do *cockpit*. A corrida deixa de ser espetáculo e se torna experiência emocional.

O clímax acontece quando Leclerc lidera momentaneamente a classificação. A trilha ganha ritmo, a montagem acelera, e a esperança surge, até ser interrompida por um erro técnico, mostrado em câmera lenta seguida de silêncio total. Esse instante dilatado intensifica a percepção de impotência e humanidade. Na sequência, a narrativa desacelera, planos estáticos mostram Leclerc sozinho nos boxes, retirando o capacete em gesto quase ritual. A câmera fixa

e o ritmo pausado enfatizam o esvaziamento emocional após o colapso da expectativa, característica marcante da estética de *Drive to Survive*.

No desfecho, o episódio reconstrói Leclerc como metáfora de resiliência. Depoimentos de engenheiros, jornalistas e companheiros reforçam seu papel emocional dentro da equipe e sua importância para o esporte. Assim, a série mostra como emoção, identidade e espetáculo se articulam.

O episódio se encerra com uma sequência noturna de forte apelo poético, Leclerc caminha pelas ruas vazias de Monte Carlo, enquanto notas suaves de piano se misturam ao som do mar. O narrador afirma: “Talvez algumas maldições não existam para serem quebradas, mas para lembrar que até os heróis sangram.” A frase sintetiza a proposta estética da série, humanizar a figura do piloto e revelar a vulnerabilidade por trás do mito.

4.12. Análise temporada 7, episódio 10 “Fim de Campeonato”

Categoria	Exemplos no episódio
Oposições semânticas de base	Vitória × Derrota;
Recursos do audiovisual	<p><i>Montagem paralela entre boxes e pilotos rivais (Hamilton × Verstappen) cria sensação de simultaneidade e tensão.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Close-ups e planos médios em rostos e mãos trêmulas revelam vulnerabilidade e humanidade.</i> - <i>Alternância de som e silêncio: motores em crescendo contrastam com pausas abruptas nos bastidores.</i> - <i>Movimentos de câmera dinâmicos durante a corrida e planos longos no desfecho, marcando a transição da adrenalina para reflexão.</i> - <i>Iluminação natural e trilha sonora híbrida (mistura de tons tensos e melancólicos) reforçam o clímax emocional.</i>
Temas e subtemas	<p>Tema central: O fim de um ciclo — a catarse emocional e simbólica do encerramento da temporada, marcada pela intensidade da vitória e o peso da derrota.</p> <p>Subtemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pressão psicológica; - Esgotamento emocional; - Solidariedade e isolamento nas equipes; encerramento e recomeço; - O custo humano do alto desempenho.

Estratégias narrativas	Estrutura narrativa de clímax e resolução, que alterna momentos de alta tensão e reflexão; entrevistas em plano fechado que mostram o alívio e a introspecção dos personagens; montagem de contraste entre celebração e melancolia; uso de flashbacks para retomar os principais conflitos da temporada; som e silêncio como recurso de catarse emocional; narrativa coral que integra múltiplos pontos de vista; trilha sonora ascendente que culmina em tom de encerramento; planos de câmera lenta nas cenas finais para reforçar a noção de tempo emocional; encadeamento visual que transforma o fim em um momento de continuidade e legado.
------------------------	---

O episódio “Fim de Campeonato” encerra a sétima temporada de *Drive to Survive* com um dos clímax mais intensos da série. Situado na última corrida da temporada de 2024, concentra-se na disputa pelo título e nos efeitos emocionais da vitória e da derrota. Funciona como síntese da proposta narrativa da obra, transformando o esporte em drama humano, o resultado técnico em experiência afetiva e o espetáculo em reflexão sobre vulnerabilidade e pressão.

Desde a abertura, a montagem estabelece urgência e tensão ao alternar, em paralelismo, os boxes rivais, figuras de forças opostas na narrativa: controle e instinto, razão e impulso. O som dos motores e os *close-ups* das microexpressões dos pilotos reforçam a dimensão humana do momento e dialogam com o objetivo desta pesquisa de analisar como a série desloca o foco da performance para a subjetividade.

Durante a corrida, a narrativa alterna ritmo acelerado e pausas prolongadas. As cenas de pista utilizam cortes rápidos e câmeras embarcadas, transmitindo risco e velocidade; já nos boxes, planos fixos e som abafado criam atmosfera de suspense. Essa oscilação transforma a corrida em experiência emocional, reforçando o caráter híbrido da série, documental, cinematográfico e dramatúrgico.

O silêncio também cumpre função discursiva quando suprime o som em momentos decisivos, a série amplia a introspecção e evidencia o peso psicológico da decisão, fazendo da pausa um recurso de empatia.

A dimensão coletiva é igualmente destacada, a série dá visibilidade a engenheiros, estrategistas e mecânicos, mostrando que a Fórmula 1 é esforço de grupo. Reuniões rápidas, rádios tensos e expressões de apreensão reforçam a tese de que o esporte é sustentado por narrativas de interdependência e vulnerabilidade, elementos centrais na humanização promovida por *Drive to Survive*.

O ápice emocional ocorre na bandeira quadriculada. A montagem desacelera, focando rostos eufóricos ou exaustos, enquanto a trilha sonora se torna mínima. A vitória e a derrota são apresentadas como experiências ambíguas, mais simbólicas que técnicas. Após a corrida, planos abertos mostram o *paddock* ao pôr do sol, associando luz e cor ao encerramento de ciclo. A câmera acompanha pilotos exaustos em meio às equipes desmontando equipamentos, criando atmosfera de fim e recomeço.

As entrevistas finais, breves e densas, reforçam a autenticidade e o cansaço: “Foi uma temporada dura”, “Demos tudo”. Os planos médios com fundo difuso evidenciam a humanização dos protagonistas e sintetizam o movimento discursivo da série ao longo das temporadas.

O episódio termina com o *paddock* vazio, sons distantes e *fade* para o preto. A narração lembra que “o fim de um campeonato nunca é o fim da história”, funcionando como metanarrativa da própria série, que transforma o tempo linear da competição em tempo emocional e cíclico.

5. Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo compreender de que maneira a estrutura narrativa e os elementos discursivos de *Drive to Survive* contribuem para alcançar a pública mais jovem para a Fórmula 1, tornando o esporte mais humano. Ao longo do estudo, foi possível perceber que a série equilibra o registro documental e a narrativa cinematográfica, utilizando o audiovisual como meio de construção de proximidade do consumidor com as cenas. A análise dos episódios revelou que *Drive to Survive* adota uma linguagem híbrida, que combina estratégias próprias da ficção com o realismo característico do documentário. Essa estrutura narrativa transforma os pilotos em protagonistas de histórias humanas, apresentando seus conflitos internos. A Fórmula 1, antes vista apenas como uma competição técnica e elitista, foi reconfigurada como uma narrativa emocional, em que o público é convidado a se identificar com os sentimentos do piloto e dos chefes de equipe. Hoje em dia, o esporte ainda está passando por esse processo de tornar a Fórmula 1 mais inclusivo, mas, ainda sim, já conseguiram resultados consideráveis, como a presença de mais jovens e mulheres como consumidor da categoria.

A pesquisa demonstrou que a série se concentra em uma linguagem audiovisual estratégica para construir essa aproximação. O uso de *close-ups* apresenta a intimidade dos personagens; os planos *on-board* é utilizado para transportar o espectador para dentro do carro, permitindo que ele sinta a tensão da corrida; a iluminação alterna entre tons frios e quentes para expressar a tensão; e o som se intercala entre silêncio e volume intenso, traduzindo estados psicológicos que o diálogo não alcança. Esses recursos, combinados à montagem que intercala ação e reflexão, fazem com que a narrativa se mova entre o técnico e o emocional, o público e o íntimo. O resultado do uso desses recursos é uma experiência que transforma o espectador em participante, e não apenas em observador.

O diálogo com autores como Nichols (2010), Jenkins (2009), Debord (1997) e Kellner (2001) ajudou a situar a série no contexto da cultura midiática e da convergência. Sob essa perspectiva, *Drive to Survive* exemplifica a fusão entre informação, entretenimento e emoção, uma característica central do audiovisual contemporâneo. A série constrói uma narrativa sobre pessoas, emoções e pertencimentos, traduzindo o espírito da chamada “sociedade do espetáculo” e da cultura participativa. O público deixa de ser apenas consumidor de conteúdo e passa a se engajar afetivamente com os personagens, compartilhando suas jornadas por meio das redes e das plataformas digitais.

As análises evidenciaram também que a série produz uma nova forma de consumo do esporte, centrada na emoção e na identificação. Ao explorar o potencial expressivo das imagens e sons, *Drive to Survive* redefine o modo como o público percebe a Fórmula 1. O foco agora também está na trajetória de cada piloto e chefe de equipe, e não apenas nos resultados das corridas. Assim, essa humanização alcança o efeito esperado: fortalece o vínculo afetivo com o público jovem e ajuda o esporte a romper com a imagem distante do automobilismo, reescrevendo-o como produto cultural acessível. O esporte deixa de ser apresentado como território de heróis inatingíveis e passa a ser compreendido como espaço de vulnerabilidade e experiência emocional compartilhada.

Nesse sentido, a série participa ativamente da reconstrução da Fórmula 1, atuando como forma de reposicionamento da marca, ao mesmo tempo em que amplia seu público e atualiza sua linguagem. *Drive to Survive* mostra que, na era da convergência, o esporte também é narrativa, um campo em que a imagem, o som e a montagem se tornam instrumentos de mediação entre a realidade e a representação, entre o humano e o espetáculo.

Do ponto de vista das análises, foi possível demonstrar que cada episódio estudado, desde *A Arte da Guerra até Fim de Campeonato*, contribui para esse processo de reconfiguração. Em conjunto, eles constroem um mapeamento emocional do esporte, na qual o drama, a superação, o fracasso e a introspecção substituem o discurso da pura vitória. A narrativa seriada permite que o espectador reconheça a Fórmula 1 como território de emoções humanas universais, e não apenas como competição técnica. Assim, *Drive to Survive* se consolida como um dispositivo cultural capaz de ressignificar o esporte e renovar o vínculo entre o público e a modalidade, evidenciando a potência comunicacional do audiovisual na era do *streaming*.

Além disso, o impacto cultural e comunicacional da série ultrapassa o universo esportivo. Como produto do streaming global, *Drive to Survive* exemplifica o papel das plataformas digitais na redefinição das experiências de consumo e de pertencimento cultural. A serialização, a acessibilidade e o compartilhamento instantâneo nas redes sociais transformaram o esporte em narrativa transnacional, conectando fãs de diferentes países e idades. O *streaming* prolonga o espetáculo, permitindo que as emoções continuem a circular em memes, vídeos, debates e comunidades digitais. Essa dinâmica confirma o poder das narrativas audiovisuais

contemporâneas de criar vínculos afetivos e de expandir o alcance cultural do esporte por meio da convergência entre mídia.

Em síntese, *Drive to Survive* demonstra que, na contemporaneidade, o esporte é também discurso, representação e emoção. Ao humanizar seus protagonistas e estetizar suas vulnerabilidades, a série reafirma o papel do audiovisual como força transformadora da cultura, capaz de converter a velocidade em sentimento, o ruído em silêncio significativo e o espetáculo em experiência humana compartilhada.

6. Referências

AIC – Academia Internacional de Cinema. Brasil tem maior número de serviços de streamings da América Latina, com 137 plataformas. 2024. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/brasil-tem-maior-numero-de-servicos-de-streamings-da-america-latina-com-137-plataformas/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

AUMONT, Jacques. A imagem. 4. ed. Campinas: Papirus, 1993.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário teórico e crítico de cinema. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BALÁZS, Béla. O cinema: natureza e evolução da linguagem cinematográfica. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Cultura. Na América Latina, o Brasil lidera o consumo de streaming, mas enfrenta desafios de representatividade de conteúdo nacional. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/na-america-latina-o-brasil-lidera-o-consumo-de-streaming-mas-enfrenta-desafios-de-representatividade-de-conteudo-nacional>. Acesso em: 16 fev. 2025.

BRUZZI, Stella. New documentary: a critical introduction. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAVALCANTI, Ana. Juventude e convergência digital. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.

CNN BRASIL. No Brasil, 23% das pessoas negras se sentem representadas como criminosas em filmes e séries, mostra pesquisa. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/no-brasil-23-das-pessoas-negras-se-sentem-representadas-como-criminosas-em-filmes-e-series-mostra-pesquisa/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

CORNER, John. Performing the real: documentary diversions. Manchester: Manchester University Press, 2002.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. Media events: the live broadcasting of history. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

E-COMMERCE BRASIL. Consumo multitela cresce no Brasil e influencia 8 em cada 10 compras online. 2024. Disponível em: <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/consumo-multitela-cresce-no-brasil-e-influencia-8-em-cada-10-compras-online/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

EXAME. Fórmula 1: mais ‘jovem’ e conectada; temporada começa e deve ter audiência elevada. 30 out. 2024. Disponível em: <https://exame.com/esporte/mais-jovem-e-conectada-formula-1-se-aproxima-de-gp-no-brasil-com-audiencia-elevada/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

EXAME. Fórmula 1: mais jovem e conectada — matéria sobre impacto do streaming/Drive to Survive. 2 mar. 2024. Disponível em: <https://exame.com/esporte/formula-1-mais-jovem-e-conectada-temporada-comeca-neste-sabado-e-deve-ter-audiencia-elevada/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

GLOBO ESPORTE. Vencedores inéditos, pódio democrático e Brasil na F1: o ano de 2020, além de Hamilton. 29 dez. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/vencedores-ineditos-podios-democraticos-e-brasil-na-f1-o-ano-de-2020-alem-de-hamilton.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2025.

HAMILTON, Maurice. Formula 1: a business and a sport. Londres: HarperCollins, 2020.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. Fans, bloggers, and gamers: exploring participatory culture. Nova York: New York University Press, 2006.

KELLNER, Douglas. Media culture: cultural studies, identity and politics between the modern and the postmodern. Londres: Routledge, 2001.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin. Administração de marketing. São Paulo: Pearson, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MEIRELES, Alana Ribeiro. Mudanças de consumo da sociedade na indústria cinematográfica. TCC (Graduação em Administração) – Centro Paula Souza, 2024. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/28258/1/administra%C3%A7%C3%A3o_2024_2_%20alana%20ribeiro%20meireles_%20mudancasdeconsumodasociedadenaindustria%20cinematografica.pdf. Acesso em: 16 fev. 2025.

METZ, Christian. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MITTELL, Jason. Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling. Nova York: New York University Press, 2015.

MORIN, Edgar. O cinema ou o homem imaginário. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MOTORSPORT; UOL. F1 pode atingir 1 bilhão de fãs em 2022 graças a Drive to Survive, aponta pesquisa. 25 mar. 2021. Disponível em: <https://motorsport.uol.com.br/f1/news/f1-pode-atingir-1-bilhao-de-fas-em-2022-gracas-a-drive-to-survive-e-esports-aponta-pesquisa/5900925/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MUNDOMAIS. Streaming brasileiro ganha força com maior representatividade nas telas. 2024. Disponível em: <https://www.mundomais.com.br/noticias/2024/12/noticia-10008->

[streaming-brasileiro-ganha-forca-com-maior-representatividade-nas-telas/](#). Acesso em: 16 fev. 2025.

NETFLIX. Formula 1: Drive to Survive — página oficial. Disponível em: <https://www.netflix.com/br-en/title/80204890>. Acesso em: 16 fev. 2025.

NEXUS; FSB. Sete (72%) em cada 10 brasileiros das classes A, B e C consomem algum streaming de vídeo. 2025. Disponível em: <https://www.nexus.fsb.com.br/estudos-divulgados/7-em-cada-10-brasileiros-das-classes-a-b-e-c-consomem-algum-streaming-de-video/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 5. ed. Campinas: Papirus, 2010.

NIELSEN. Driven to watch: Drive to Survive inspires 2.3% more viewers to watch F1 content in 2022. 2022. Disponível em: <https://www.nielsen.com/insights/2022/driven-to-watch-how-a-sports-docuseries-drove-u-s-fans-to-formula-1/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

NÚÑEZ, Antonio. Será mejor que lo cuentes: los relatos como herramientas de comunicación. Barcelona: Empresa Activa, 2008.

OLIVEIRA, Pedro. O espetáculo da velocidade: mídia e Fórmula 1. São Paulo: Contexto, 2022.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PIRES, Giovani de Lorena. Comunicação e esporte: um estudo das mediações culturais. São Paulo: Annablume, 2002.

PRIMEIRO FILME. Movimentos e planos de câmera. São Paulo: Primeiro Filme, 2025.

RODRIGUES, Carlos Alfeld. Interações discursivas em vídeos curtos. *Acta Semiotica*, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://actasemiotica.com/index.php/as/92025interacoes>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SEGS. Jovens empreendedores lideram, aquecem o mercado e crescem em número no Brasil. 28 dez. 2020. Disponível em: <https://www.segs.com.br/segueros/269151-jovens-empreendedores-lideram-aquecem-o-mercado-e-crescem-em-numero-no-brasil>. Acesso em: 16 fev. 2025.

TELETIME. Com mais de 60 plataformas, streaming no Brasil tem menos de 10% de conteúdo nacional. 2024. Disponível em: <https://teletime.com.br/30/01/2024/com-mais-de-60-plataformas-streaming-no-brasil-tem-menos-de-10-de-conteudo-nacional/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

7. Link para acesso aos episódios

A ARTE DA GUERRA. Formula 1: Drive to Survive, temporada 1, episódio 4. 2019. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80239925>

A NOVA GERAÇÃO. Formula 1: Drive to Survive, temporada 1, episódio 8. 2019. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80239926>.

DIAS DIFÍCEIS. Formula 1: Drive to Survive, temporada 2, episódio 4. 2020. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81132841>.

BANDEIRA QUADRICULADA. Formula 1: Drive to Survive, temporada 2, episódio 10. 2020. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81132846>.

O RETORNO. Formula 1: Drive to Survive, temporada 3, episódio 6. 2021. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81240609>.

UM GRAVE ACIDENTE. Formula 1: Drive to Survive, temporada 3, episódio 9. 2021. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81240613>.

PRONTOS PARA A BRIGA. Formula 1: Drive to Survive, temporada 4, episódio 9. 2022. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81443716>.

CORRIDA DIFÍCIL. Formula 1: Drive to Survive, temporada 4, episódio 10. 2022. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81443717>.

CHEFE DE EQUIPE. Formula 1: Drive to Survive, temporada 5, episódio 3. 2023. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81635455>.

SOB PRESSÃO. Formula 1: Drive to Survive, temporada 5, episódio 8. 2023. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81635459>.

A MALDIÇÃO DE LECLERC. Formula 1: Drive to Survive, temporada 7, episódio 5.
2025. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81788042>.

FIM DE CAMPEONATO. Formula 1: Drive to Survive, temporada 7, episódio 10.
2025. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81788050>.